

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

MARINA BATISTA CHAVES AZEVEDO DE SOUZA

**A NOVA MORADIA DO TRABALHADOR URBANO DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO
MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA**

João Pessoa

2014

MARINA BATISTA CHAVES AZEVEDO DE SOUZA

**A NOVA MORADIA DO TRABALHADOR URBANO DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO
MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba como requisito obrigatório para a obtenção de título de Bacharel em Terapia Ocupacional
Orientadora: Profª Msc. Bárbara Iansã de Lima Barroso.

João Pessoa
2014

S729n Souza, Marina Batista Chaves Azevedo de.

A Nova moradia do trabalhador urbano da construção civil no município de João Pessoa / Marina Batista Chaves Azevedo de Souza. - - João Pessoa: [s.n.], 2014.

90f.: il. -

Orientadora: Bárbara Iansã de Lima Barroso.

Monografia (Graduação) – UFPB/CCS.

1. Migração pendular. 2. Indústria da construção. 3. Saúde do trabalhador.
4. Saúde mental. 5. Terapia Ocupacional.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL



RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO FINAL DE TCC

ALUNO: <i>Marina Batista Chaves Peredo de Souza</i>
MATRICULA:
EXAMINADOR:
TÍTULO DO TRABALHO: <i>A nova moradia do Trabalhador urbano da construção civil no município de João Pessoa.</i>

AVALIAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

BANCA EXAMINADORA	NOTAS ATRIBUÍDAS
a) Professor Orientador: <i>Barbara Barnoso</i>	<i>10,00</i>
b) 1º Membro: <i>Marcia Barnos</i>	<i>9,8</i>
c) 2º Membro: <i>Larmen Costa</i>	<i>10,00</i>
MÉDIA ARITMÉTICA SIMPLES (a+b+c)/3	

MÉDIA FINAL: 9,8 (*nove pontos oito*)

ASSINATURAS DA BANCA EXAMINADORA

Presidente

1º Membro

2º Membro

João Pessoa, 11 de agosto de 2014

Ao meu pai, protagonista da maré que é a
minha vida,

Dedico

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, que doou esforços e fez questão de dar suporte à todos os fracassos e sucessos desta jornada;

Aos meus amigos, por me proporcionarem a força e a descontração necessária para realização dos momentos importantes da minha vida;

À professora Bárbara Barroso, orientadora, e amiga, por tamanha dedicação a este trabalho, e principalmente por me mostrar o amor necessário para ser terapeuta ocupacional, e os caminhos e desafios saborosos da pesquisa;

À professora Carmen Teresa Costa, pelos conselhos durante a caminhada, e por fazer com que eu me apaixonasse pelas maravilhas do subconsciente e da subjetividade que está presente em cada pedaço da minha trajetória como acadêmica;

À professora Márcia Mont’Alverne de Barros por confiar no meu esforço ao ponto de embarcar em um projeto ainda muito primário, e pela disponibilidade de auxílio nas pesquisas;

À professora Vera Lúcia Dutra Facundes, pelo acolhimento e a generosidade de me mostrar um pouco como percorrer pelos horizontes da pesquisa qualitativa;

Aos professores, colegas, e todos os funcionários que fazem o Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, por me incentivarem a concluir esse processo através da demonstração de um trabalho com garra, muita dedicação, e confiança;

Aos integrantes do Laboratório de Saúde, Trabalho e Ergonomia, pelo auxílio, compreensão, incentivo, e por formarem não apenas uma equipe de pesquisadores, e sim uma família promotora de sonhos;

À todos os pensadores e pesquisadores que me auxiliaram a fundamentar este trabalho com ideias e palavras imensamente proveitosas;

Aos trabalhadores urbanos da construção civil os quais admiro profundamente pelo esforço diário, e especialmente aos que doaram um pouco de seu tempo para me auxiliar;

Às pessoas que fazem a empresa de construção civil parceira desta pesquisa, pela confiança e abertura às minhas ações no campo.

Através deste, expresso o quanto sou grata a todos vocês por tornarem o início do meu sonho, um projeto concluído. Muito obrigada.

*Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!*
(Prosa e Verso, 1978)

Mario Quintana

RESUMO

No presente trabalho, reflete-se sobre as questões do mundo atual capitalista e globalizado, que tem como consequência os frequentes movimentos de migração dos indivíduos que buscam melhor qualidade de vida e sustentabilidade para sua família. Os trabalhadores da construção civil se constituem como um público que busca melhoria das suas condições de vida e uma melhor remuneração; eles vêm, cada vez mais, necessitando migrar de pequenas cidades para executar o trabalho nas capitais submetendo-se a morar em “alojamentos”, posto que nessas cidades há uma maior especulação imobiliária e numerosas empresas contratantes. Deste modo, buscou-se compreender as relações desses sujeitos com esta nova concepção de moradia, e o que esse espaço – juntamente com o fenômeno da migração – vem gerando como consequência para a saúde ocupacional e mental deste trabalhador. Para isso, é necessário se aprofundar nas questões típicas da profissão que, em sua maioria, emprega precariamente esses indivíduos. Adotou-se o método quantitativo e qualitativo de pesquisa; o primeiro, para identificar dados sociodemográficos através de um questionário adaptado para entender o perfil do grupo e, o segundo, por analisar uma entrevista semiestruturada através do método análise de conteúdo. Conclui-se que as atividades presentes no cotidiano desses trabalhadores estão debilitadas devido ao atual modelo de trabalho que lhes acarreta sofrimento psíquico e angústia ao gerar um dia-a-dia doentio e sem significado, completamente voltado à atividade laboral. Percebeu-se a necessidade de intervenção no modelo de trabalho desses sujeitos devido ao fato de terem sido encontrados resultados que explicitam a maneira prejudicial de como estes necessitam vivenciar o trabalho, e entendeu-se que existe a possibilidade de intervir em terapia ocupacional na tentativa de estruturar e reestruturar um cotidiano – mesmo que já patologicamente instaurado –, inferindo sentido e possibilitando maneiras de enfrentamento a este modelo de trabalho como falam as bases da psicodinâmica do trabalho (PDT), pois tal ocupação é parte primordial do sentido, significado, e identidade que se adquire durante a vida.

Palavras-chave: Migração Pendular. Indústria da construção. Saúde do trabalhador. Saúde Mental. Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

This paper reflects about the issues of the current capitalist and globalized world, which results in frequent migration movements of people who seeking better quality of life and sustainability for their family. The workers of construction industry, constitute a public that just by improving conditions or better pay, are increasingly needing to migrate from small towns, to perform work in the capital, living in "houses" that are given by the company, because this capital have greater securities speculation and numerous contractors. Thus, we sought to understand the relationships of these subjects with this new conception of property, and what this space together with the phenomenon of migration, has generated of consequence for the worker occupational and mental health. For this, it is necessary to delve into the typical issues of the profession, which mostly employs these individuals precariously. A quantitative and qualitative methodology, was proposed to this research, because we need to identify sociodemographic data with a questionnaire adapted to understand the profile of the group, named physical work capacity protocol, and the qualitative part is because we need to analyzing a semistructured interview using the method of content analysis. Concluding, the daily activities of these workers are impaired due to the current working model, resulting in psychic anguish grief, and an unhealthy and meaningless day-to-day of these migrants, that is completely devoted to the work activity. We realized the need for intervention in the working model of these workers, because we founded some results what explain the harmful way that this people need to live their work experience. So, was understand that there is a possibility to intervening by occupational therapy, with the objective of structure and restructure a routine that could be already pathologically, because we know it is possible to inferring meaning and create ways to facing this maleficent style of work, as the bases of psychodynamic of work says. In all, this is important because the work is one of the mean activity in life, that is a key part to construct the meaning, significance, and identity that people acquired during life

Key-words: Pendulum migration. Construction Industry. Occupational Health. Mental Health. Occupational Therapy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Coleta de dados.....	26
Figura 02: Participantes da Pesquisa	30
Figura 03: Canteiro de obras – Município de João Pessoa, Paraíba	32
Figura 04: Alojamento – Casa destinada aos trabalhadores, pela empresa contratante.	59
Quadro 01: Atividades desenvolvidas durante o tempo livre	64
Figura 05: Entrevista com trabalhador	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVO GERAL	15
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
1.3 JUSTIFICATIVA	16
1.4 RELEVÂNCIA	18
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	19
2.1 A ESCOLHA DO MÉTODO	19
2.2 MÉTODO	21
2.3 METODOLOGIA	23
2.4 A PESQUISA QUALITATIVA E O USO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	25
2.5 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS UTILIZADAS PARA A COLETA DE DADOS	26
2.5.1 Questionário Sociodemográfico adaptado através do Índice de Capacidade para o Trabalho	26
2.5.2 Roteiro de Entrevista Semiestruturada	27
2.5.3 Grelha de Análise do Conteúdo.....	28
2.6 ASPECTOS ÉTICOS.....	28
2.7 FINANCIAMENTO	29
2.8 UNIVERSO E AMOSTRA.....	29
2.8.1 Participantes do estudo	29
2.8.2 Critérios de Inclusão.....	30
2.8.3 Critérios de Exclusão.....	31
2.9 DADOS DA CIDADE DO TRABALHO ATUAL E DA CIDADE NATAL	31
2.9.1 Dados sobre Crescimento Imobiliário.....	32
3 REFERENCIAL TEÓRICO	34
3.1 O ESTRESSE OCUPACIONAL – SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL	34
3.2 MIGRAÇÃO PENDULAR.....	36
3.3 TERAPIA OCUPACIONAL: TRABALHO E SUBJETIVIDADE	39
4 DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO DOS ACHADOS	42
4.1 REFLEXÕES SOBRE AS INFERÊNCIAS ENCONTRADAS NOS RELATOS	42
4.1.1 Resultados acerca do perfil dos trabalhadores com base no questionário sociodemográfico adaptado pelo Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT)	43
4.1.2 A relação homem versus labor – A construção da identidade e a alienação no trabalho... 45	
4.1.2.1 A Precariedade do vínculo empregatício e a duração da força de trabalho 46	
4.1.3 Satisfação no trabalho e na moradia <i>versus</i> a necessidade de estar empregado.....	49
4.1.3.1 As desvantagens: existência do medo, implícito nos fragmentos.....	53
4.1.4 “Saudade lá de casa” e “saudade da minha casa”: trajetos e sentimentos.....	54
4.1.5 Fragmentos vinculados ao cotidiano e às ocupações do “peão de obra”: (re)construindo a linearidade das ações no alojamento.....	61

4.1.5.1 Retrato dos migrantes: a chegada na cidade grande e a relação com as oportunidades de crescimento pessoal.....	63
4.1.6 Significado do lazer: escolha por atividades que possibilitam prazer, ou realização de atividades que preenchem o tempo ocioso?	66
4.1.6.1 Crenças e valores, a religião como facilitadora da aceitação do estilo de vida atual.....	69
5 TERAPIA OCUPACIONAL – RECOMENDAÇÕES E POSSIBILIDADES	73
5.1 OPORTUNIDADES DE ORGANIZAÇÃO E RETOMADA DO SIGNIFICADO DO COTIDIANO.....	73
5.2 O CAMINHAR PARA O INÍCIO DA FORMULAÇÃO DE FUTURAS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO E CONTRIBUIÇÃO.....	74
6 CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada	85
APÊNDICE B – Questionários Sociodemográfico adaptado através do Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT)	86
APÊNDICE C – Grelha de Análise.....	88
APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	89
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	90

1 INTRODUÇÃO

“A coisa mais indispensável a um homem é reconhecer o uso que deve fazer do seu próprio conhecimento.”

Platão

Inicialmente serão apresentados, além dos aspectos introdutórios da pesquisa, os objetivos e a justificativa/relevância dela – que serão úteis para a apreciação e o conhecimento do assunto –, bem como discutir-se-ão os motivos científicos, sociais e pessoais que levaram a autora a realizá-la.

O presente trabalho, pretende apresentar resultados e conclusões acerca de uma pesquisa investigativa com operários da construção civil contratados em João Pessoa – Paraíba, que realizam a migração pendular semanalmente do interior do Estado para a capital, vivenciando a moradia e o cotidiano nos alojamentos fornecidos pelas empresas, permitindo que se possa entender este cotidiano e o processo de trabalho desses sujeitos, compreendendo as estratégias utilizadas por eles rotineiramente ao vivenciarem esta situação, e ao que estão expostos na atual condição, o que colabora para reflexões em terapia ocupacional e em psicodinâmica do trabalho.

Na história da humanidade, o processo migratório é fator permanente que passa de geração a geração. Franken (2009, apud ASSIS *et al.*, 2013) relata que o nomadismo foi o primeiro tipo de migração que tinha, como característica, o deslocamento das sociedades primitivas as quais, por não conhecerem a técnica agrícola, partiam em busca de alimentos e de abrigo quando já haviam esgotado as fontes de subsistência no lugar em que estavam. No Brasil, desde a metade do século XXI, muitos nordestinos migraram de sua região para o sul e sudeste do país, impelidos pela seca, na luta pela sobrevivência. (FRANKEN, 2009 apud ASSIS *et al.*, 2013).

Atualmente, o desejo de melhoria de vida e da dignidade agora não se restringe só à busca por alimento e abrigo, torna-se necessário ter condições de moradia, de educação, de saúde, de lazer etc. O mundo moderno e globalizado conduz ao progresso econômico; é em função deste avanço que novos deslocamentos são provocados, estes por sua vez, causam fenômenos sociais, tais como o êxodo rural, as migrações nacionais e internacionais. Tais mudanças produzem uma desorganização nos modos de vida tradicionais. A migração é um processo que implica mudanças profundas na vida de um indivíduo, uma vez que ele deixa o seu convívio familiar e parte para um ambiente desconhecido. (ASSIS *et al.*, 2013).

As migrações significam movimentos de pessoas (deslocamentos) que normalmente ocorrem dentro do próprio país (migrações internas) ou de um país para o outro (migrações internacionais). Esses deslocamentos acontecem por vários motivos, porém, razões econômicas e políticas são sempre determinantes. O primeiro caso, razões econômicas, relaciona-se à falta de condições dignas de sobrevivência. O segundo caso, razões políticas, relaciona-se à impossibilidade do exercício de seus direitos, ou melhor, é quando a liberdade, a igualdade – e seus desdobramentos – ficam impedidas de ser exercitadas. Assim, o deslocamento significa, ao mesmo tempo, o abandono, o distanciamento da terra (natal), uma certa desterritorialização e a possibilidade de se restabelecer em outra terra (outra região do mesmo país, ou até mesmo em outro país). (CHUEIRI; CÂMARA, 2010).

A exclusão que é sofrida pelo migrante, em função de ser portador de algo que resiste à representação dada na linguagem e no pensamento próprios à nova morada, nos remete à possível dissociação do sujeito humano, quando, para se instalar na cultura, abandona partes de si mesmo. O trabalho, como atividade significativa para o homem, por um lado propicia ao indivíduo satisfação, prazer, bem-estar, contribuindo para sua evolução, por outro se transforma, constantemente, em um espaço de sofrimento e exploração. (ARENDT, 1995 apud BORGES *et al.*, 2004).

As avaliações dos aspectos relacionados às dimensões psicossociais do trabalho tem sido objeto de estudos recentes na área de saúde e trabalho. Infelizmente, as pesquisas nacionais em suas propostas teóricas e metodológicas ainda não tratam do bem-estar do trabalhador da construção civil que reside nos alojamentos, como uma abordagem biopsicossocial segundo a qual a atividade laborativa não está dicotomizada com as ações do fazer o humano, bem como com a divisão do indivíduo em partes corporais e mentais, como seres separados.

Dessa forma, diversos recursos tradicionais dos terapeutas ocupacionais na área de saúde e trabalho ganham uma nova dimensão e aplicação. Por exemplo, a análise de atividades que deixa de ser centrada no fazer individual e passa a abranger a compreensão das situações de trabalho tanto no âmbito organizacional quanto no que diz respeito às condições de trabalho. A utilização de atividades expressivas passa a integrar o universo de recursos facilitadores das dinâmicas de grupo ou de processos de reflexão grupal entre os trabalhadores. (LANCMAN; GHIRARDI, 2002).

A Terapia Ocupacional é tratada, neste estudo, como uma profissão capaz de entender a subjetividade dos processos migratórios dos trabalhadores da construção civil que realizam esse fenômeno semanalmente do interior da Paraíba, para trabalhar no município de João

Pessoa para, verificando a influência deste fato na saúde e na realização da ocupação do trabalhador e, conseqüentemente, nas atividades de vida diária do indivíduo que necessita submeter-se a ficar distante fisicamente desta e de tudo que ela representa.

Atualmente, os terapeutas ocupacionais identificam não só a ocupação ou a atividade como capaz de interferir nos processos de trabalho e na saúde do trabalhador, e sim o modo como esta atividade pode ser realizada e os efeitos gerados na *psique* do Homem.

Os terapeutas ocupacionais, ao ampliarem seu campo de ação para a prevenção, promoção e para a intervenção em situações concretas de trabalho, começam a reconhecer, no seu instrumental de trabalho e na sua experiência profissional, a influência de diversos saberes que contribuem para o estabelecimento de um perfil profissional ímpar neste campo, quer seja pela sua experiência particular no uso e no estudo de atividades, quer seja pela maneira como apreende a complexidade e a singularidade dos indivíduos em sua relação com o trabalho. (SIQUEIRA et al., 1996 apud LANCMAN; GHIRARDI, 2002).

Ao se tratar de uma pesquisa com os migrantes que realizam este processo para vivenciar o trabalho na construção civil, deve-se entender que, desde a última década, o setor da construção civil vem passando por um processo de significativas mudanças e reestruturação produtiva em alguns segmentos, o que impacta diretamente na saúde do trabalhador. Tais mudanças contribuíram para o aumento da precarização desse setor, explicitada pela superexploração, por condições de trabalho adversas e insalubres, aumento da jornada de trabalho, desemprego em massa, aumento dos acidentes de trabalho, entre outros fatores. (BARROS; MENDES, 2003).

Frequentes pesquisas em saúde e trabalho com enfoque na construção civil, observam e intervêm nas atividades laborais do trabalhador, na medida em que observam a necessidade de reabilitação física, a identificação de patologias, ou até mesmo a frequência dos acidentes de trabalho, porém, acabam por ser escassas aquelas as que visam a analisar as conseqüências psíquicas e subjetivas, sofridas pelo indivíduo como decorrência de inúmeros fatores, em particular, aqueles relacionados aos processos de migração dos trabalhadores que são submetidos a viver em alojamentos cotidianamente.

Por mais que exista a Norma Regulamentadora 24, que trata das condições sanitárias e de conforto nos locais de trabalho, e que haja um controle do Ministério Público do Trabalho (MPT) e da Delegacia Regional do Trabalho (DRT) nesta perspectiva; são ausentes as pesquisas nacionais que tratem sobre a tríade trabalho-moradia-qualidade de vida, bem como a identificação dos motivos que levam o trabalhador a residir no ambiente de trabalho, identificando a relação lar *versus* atividade laboral. (BRASIL, 1993).

Levou-se em consideração que a migração e o processo constante da procura de trabalho atingem uma alta incidência da população economicamente ativa localmente. Isto acontece devido à busca incessante pela melhoria da qualidade de vida e pela abrangência dos diversos setores da economia implicados e impactados, ou até mesmo pela complexidade e estabilidade econômica vivenciadas nas últimas décadas no nosso país. Devido a esses fatores, é gerada uma constante busca por trabalho que atenda às necessidades de ordem financeira e psíquica, a qual muitas vezes os trabalhadores são privados, por falta de oportunidades de trabalho significativos.

Entender as necessidades que levam os trabalhadores a residirem nos alojamentos, nos move constantemente, já que entendemos que os alojamentos têm origem nos processos de segregação residencial, característico desde o aparecimento das cidades e das classes sociais. Entretanto, é com o capitalismo que a questão (natureza e significado) assume uma dimensão maior devido a fragmentação das classes sociais. (SILVA, 1993).

O “trabalho” é ao mesmo tempo uma evidência viva e uma noção que escapa a toda definição simples e unívoca. É sem dúvida nesse “e” que une “o trabalho” e “os homens” que repousa provavelmente a fonte desse caráter enigmático, gerador de paradoxos, e que permite a questão: o que está comprometido – do homem – no trabalho? (SCHWARTZ, 2011, p. 20).

Cientificamente, têm sido realizados estudos visando, tanto à melhoria da produtividade, quanto às condições e à organização do trabalho, mas ainda são poucos aqueles que se preocupam com o conteúdo simbólico do trabalho, suas relações subjetivas e com sua atividade, com o sofrimento e desgaste gerado pelo trabalho e com os seus efeitos sobre a saúde física e mental dos indivíduos.

É importante ressaltar o papel central que o trabalho assume na constituição da identidade individual, e sua implicação direta nas diversas formas de inserção social dos indivíduos. Castel (1998, p. 532), ao discutir o processo social de desfiliação, observa a relação direta que se estabelece entre o processo de precarização das relações de trabalho e a vulnerabilidade social a que o indivíduo está exposto como decorrência desse processo. Haveria uma tendência crescente à vulnerabilidade social de indivíduos que se vêm na contingência da precarização do trabalho, devido à importância que as relações de trabalho assumem na constituição da identidade individual.

1.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as relações das condições gerais de vida/trabalho dos operários escolhidos, e entender como acontece a relação das variáveis trabalho-moradia-qualidade de vida. Pretende-se conhecer os motivos que levam o trabalhador a residir nos alojamentos das construções examinadas as relações lar *versus* trabalho para, desta forma, identificar as consequências na saúde ocupacional e nas atividades diárias desses indivíduos.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Coletar os dados pessoais e sociodemográficos dos trabalhadores participantes da pesquisa;
- b) Mensurar os níveis de satisfação relacionados ao trabalho atual dos entrevistados;
- c) Identificar aspectos relacionados à situação financeira da família e do trabalhador bem como as horas semanais dedicadas à atividade laboral do participante;
- d) Apontar como o trabalhador destina o tempo em que não se encontra na atividade de trabalho propriamente dita;
- e) Identificar a presença ou não do vínculo empregatício do trabalhador com a empresa contratante;
- f) Assinalar os motivos que levaram os trabalhadores à vivenciarem a moradia nos alojamentos;
- g) Conhecer as diferenças existentes nos laços familiares a partir do início da moradia do trabalhador nos alojamentos da empresa contratante;
- h) Entender as desvantagens e as potencialidades de vivenciar a moradia no alojamento a partir do olhar do trabalhador;
- i) Verificar de que forma acontece o lazer e as relações pessoais com os colegas de trabalho dos entrevistados;
- j) Reconstruir o dia-a-dia do trabalhador que vivencia o cotidiano no alojamento, para conhecer a rotina dos entrevistados durante a semana de trabalho.

1.3 JUSTIFICATIVA

As questões primordiais para iniciar este trabalho foram a identificação de um público alvo vulnerável e cada vez mais presente na sociedade atual e globalizada, constituindo-se em um desafio para a saúde pública e para os estudiosos da saúde do trabalhador.

Percebe-se que o desenvolvimento da presente pesquisa fomentará reflexões que gerarão benefícios para o trabalhador entrevistado a partir do momento em que existe a possibilidade de contribuir com documentos que informem a situação de trabalho para a empresa contratante, e até mesmo para os órgãos competentes.

A saúde do trabalhador vinculada ao enfoque ergológico e da psicodinâmica do trabalho foi do interesse da autora durante toda a vida acadêmica na graduação, posto que participou de estudos anteriores, projetos de pesquisa, projetos de extensão, programa de iniciação científica, e da coordenação do núcleo de estudos no Laboratório de Saúde, Trabalho e Ergonomia (LASTE) da Universidade Federal da Paraíba.

A vontade pessoal despertada pela autora de estudar essa população foi proveniente das observações diárias, outrora empreendidas, acerca da especulação e do crescimento imobiliário na capital da Paraíba, tendo esta refletido sobre as questões negativas que esta pressão ou necessidade de produção apressada das empresas poderia influir sobre os operários da construção civil.

Ao passar por diversas áreas em que existe o andamento de obra, a autora notou a acomodação diária dos trabalhadores, durante os mais diversos turnos, depreendendo-se que eles residiam nos canteiros de obra ou nos alojamentos próximo ao trabalho. Como estudante de Terapia Ocupacional, esta realizou a reflexão sobre os diferentes modos de vida e a possibilidade da existência de um cotidiano modificado ou desestruturado voltado apenas ao trabalho. Existe a pretensão da continuação do trabalho com esta população, podendo este ser desenvolvido ao longo da vida profissional e acadêmica da autora.

A pesquisadora sente-se privilegiada com os benefícios de uma graduação desenvolvida em uma Universidade Federal ao passo em que percebe ser fundamental uma contribuição de caráter social em seu trabalho de conclusão do curso, como retribuição aos que contribuíram para o funcionamento de tal instituição, independentemente de classe social, ou de qualquer característica que seja utilizada atualmente para diferir um ser humano de outro.

Esta contribuição torna-se verídica a partir do momento em que se entende que o crescimento imobiliário do país e dos municípios como beneficiador das camadas sociais médias e altas da sociedade, está causando, comprovadamente, o desgaste físico e mental da população masculina provenientes das classes sociais mais baixas e dos indivíduos ligados diretamente à estes sujeitos necessitando, estas pessoas, de um olhar especial dos pesquisadores com afinidade pela área de saúde e trabalho, em conjunto com os órgãos competentes, para futuro planejamento interventivo.

1.4 RELEVÂNCIA

A indústria da construção civil compreende os setores de preparação de terreno, construção de edifícios, construção de obras de engenharia civil, obras de infra estrutura para engenharia elétrica e de telecomunicações. De acordo com a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) (2002), o macro desse setor da construção emprega diretamente cerca de 5,4 milhões de trabalhadores – ou 9% da população trabalhadora brasileira; o setor de edificações é responsável pelo emprego de 952 mil trabalhadores, porém esses dados não incluem os trabalhadores terceirizados e os autônomos.

A construção civil é um dos setores mais dinâmicos da economia brasileira, posto que emprega as camadas mais pobres e sem qualificação da população masculina e, ao mesmo tempo, um dos que apresentam maiores desafios para a saúde pública, especificamente para a saúde no trabalhador, caracterizado pela perda de inúmeras vidas.

O desemprego, o subemprego e o trabalho informal tornam-se permanentes e estruturais nas sociedades atuais, pois favorece relações de trabalho precárias que terminam por atingir também as condições de trabalho e saúde daqueles que estão ainda empregados. (LANCMAN; GHIRARDI, 2002).

O trabalho informal, a forte presença de migrantes e o aspecto socioeconômico baixo quase pairando perfis de vulnerabilidade social são características próprias desses trabalhadores, fato que promove uma intensa precarização no setor.

Devido a esses fatos, esclareceu-se a relevância do desenvolvimento deste trabalho, cujo teor identifica o perfil do trabalhador da construção civil que mora em alojamentos e que se deslocam, semanalmente de suas cidades natais para vivenciar a moradia próxima ao local de trabalho, e vislumbrar assim, a relação destes com sua nova moradia.

Pesquisas como esta, muito irão contribuir para o território e para a comunidade acadêmica, por se tratar de um estudo com abordagem inédita devido à escassez de trabalhos anteriores que buscam a compreensão deste tema. Ante a vulnerabilidade que este tipo de trabalhador pode vivenciar, foi através deste projeto que se visou a contribuir para a fundamentação de futuras melhorias a serem feitas pelos órgãos competentes, com o objetivo de garantir a saúde dos trabalhadores da construção civil, além de fomentar-se melhorias nas condições de trabalho e de vida dessa população.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

“A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer "escrever claro" não é certo mas é claro, certo?”.

Luis Fernando Veríssimo

Este capítulo apresentará, igualmente, o motivo pelo qual o pesquisador escolheu o método que será conceituado adiante, e a razão pela qual optou-se pela abordagem qualitativa e quantitativa durante a realização deste estudo. Finalmente, serão explicitados conceitos sobre entrevistas, as razões de incluir a entrevista semiestruturada como material para coleta dos dados e sua importância em pesquisas qualitativas. Em tempo, a população, o campo, e o estudo, serão caracterizados.

2.1 A ESCOLHA DO MÉTODO

“A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico (...)”.

Pierre Bourdieu

Considerando que o campo da Saúde Mental apresenta a subjetividade como objeto primordial de sua intervenção, a pesquisa qualitativa se constitui na que mais se coaduna com esse objetivo, uma vez que ela busca interpretar os sentidos da ação dos sujeitos, contextualizando este campo de opiniões e valores às suas condições sociais de produção. (MINAYO, 2008).

Entendendo que a Ergologia é uma interface do campo da Saúde e Trabalho, e objetiva estudar os aspectos psíquicos ou relacionados ao sofrimento mental do trabalhador, percebe-se, então, a fusão desta com a Saúde Mental a partir do momento em que se devem entender os aspectos subjetivos presentes nas entrevistas com os trabalhadores participantes, buscando interpretá-las de forma a compreender o processo migratório e de trabalho que levará a refletir sobre as possíveis consequências na vida destes; entendendo o público alvo como seres humanos que são dotados de significados e passivos à problemas de ordem psíquica devido à vivência atual, ou características do emprego.

De acordo com Minayo (2008, p. 73), a pesquisa qualitativa tem como características a “diversidade de referenciais teóricos e de técnicas e *status* central dado à interpretação do significado das ações sociais”.

Nas pesquisas qualitativas, primeiramente, o interesse do pesquisador volta-se para a busca do “significado” das coisas, porque este tem um “papel organizador” nos seres humanos. O que as “coisas” (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, ideias, sentimentos, assuntos) representam, dá molde à vida das pessoas. Num outro nível, os significados que as “coisas” ganham, passam também a ser partilhados culturalmente e assim organizam o grupo social em torno dessas representações e simbolismos. (TURATO, 2005, p. 510).

A história do conhecimento não pode ser contada em uma trajetória linear, como algo que avança gradualmente, dimensionando a relação homem-mundo por intermédio do mero acúmulo progressivo de saberes. Com efeito, a constituição de novos paradigmas científicos impõe uma outra dinâmica, qualquer que seja o campo de saber em que nos situemos. De modo geral, as transformações sucessivas por que têm passado as ciências demonstram irregularidades e rupturas, em vez de um movimento contínuo e retilíneo. Trata-se antes de novas perspectivas, que vêm participar da cena, de opções teóricas diversas daquela em relação à qual se produz uma ruptura ou do desejo de redimensionar o objeto de estudo. (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p. 305).

Através dos dados obtidos com o uso de entrevistas semiestruturadas a partir de perguntas que norteavam o diálogo, foi escolhida a abordagem temática da análise de conteúdo para separar e organizar os dados desta pesquisa de forma a dar mais visibilidade para os fenômenos sociais já existentes, que serão refletidos e analisados posteriormente nas particularidades deste estudo. Esta escolha, implica em dar suporte teórico no desenvolvimento de cada tema para comprovar a existência de um fato pré-estabelecido pelo pesquisador responsável.

O público escolhido para este trabalho demonstra, a partir da transcrição dos depoimentos que, significativamente, será mais simples para o pesquisador visualizar discursos repetidos e de caráter simbólico, a partir do momento em que este escolhe como metodologia, a análise de conteúdo, utilizando a técnica de análise temática.

Bardin designa o termo análise de conteúdo a:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2004, p. 37).

2.2 MÉTODO

A Análise de Conteúdo (AC), método escolhido para realizar o presente estudo, surgiu no início do século XX nos Estados Unidos para analisar o material jornalístico, ocorrendo um impulso entre 1940 e 1950, quando os cientistas começaram a se interessar pelos símbolos políticos, tendo este fato contribuído para seu desenvolvimento. Entre 1950 e 1960 a AC estendeu-se que tal método era adequado para várias áreas. Portanto, esta técnica “existe há mais de meio século em diversos setores das ciências humanas”, sendo anterior à Análise de Discurso. (LIMA, 1993 apud COREGNATO; MUTTI, 2006).

A maioria dos autores refere-se à AC como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo, de forma prática e objetiva, produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Na AC, o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem. (COREGNATO; MUTTI, 2006).

Contidas na análise de conteúdo, existem ainda duas possibilidades de se originar a metodologia da pesquisa: a análise de conteúdo feita de forma quantitativa e realizada de maneira qualitativa. A primeira, trata de localizar, nos textos originados das falas dos entrevistados, palavras repetidas que determinarão uma frequência de quantas vezes aquela expressão foi utilizada; tais dados serão representados estatisticamente, não se importando com o contexto em que ela se encontra em cada fragmento.

A análise qualitativa a qual foi escolhida no presente trabalho, irá também verificar as inferências e frequências nos textos, porém, com o objetivo de categorizá-las em sentidos, priorizando não apenas a similaridade das palavras, e sim o que significa cada trecho das entrevistas; ou seja, é o significado, o contexto, e a subjetividade, que farão um fragmento ser considerado repetido ou não, no caso de se analisar qualitativamente os dados.

Em um texto no qual se marca a diferença teórica entre conteúdo e sentido, a AC costuma ser feita através do método de dedução frequencial ou análise por categorias temáticas. A dedução frequencial consiste em enumerar a ocorrência de um mesmo signo linguístico (palavra) que se repete com frequência, visando a constatar “a pura existência de tal ou tal material linguístico”, não se preocupando com o “sentido contido no texto, nem à diferença de sentido entre um texto e outro”, culminando em descrições numéricas e no tratamento estatístico. A análise por categorias temáticas tenta encontrar

[...] uma série de significações que o codificador detecta por meio de indicadores que lhe estão ligados; [...] codificar ou caracterizar um segmento é colocá-lo em uma das classes de equivalências definidas, a partir das significações, [...] em função do julgamento do codificador [...] o que exige qualidades psicológicas complementares como a fineza, a sensibilidade, a flexibilidade, por parte do codificador para apreender o que importa. (PÊCHEUX, 1993 apud COREGNATO; MUTTI, 2006, p.683).

O tema, para Bardin (2004, p. 99), “é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura”. A análise do material associado às observações sobre a constituição dos indivíduos como grupo e o contexto do seu atual trabalho e moradia foi ordenado, passando pelas etapas da leitura flutuante e organização dos dados contidos nas entrevistas, bem como nas observações do campo escolhido para a pesquisa.

A transcrição de cada entrevista colaborou para a elaboração de núcleos de sentido e de categorias (temáticas) que, juntamente com o material científico e histórico, deram como resultado o confronto das falas dos indivíduos e de suas similaridades que reforçam a confiabilidade dos dados e corroboram com as pesquisas indicadas à cada temática, que serão complementadas com os trechos dos depoimentos dos trabalhadores entrevistados.

Sem pretender configurar-se, em princípio, como doutrinal ou normativa, a Análise de Conteúdo se define como um

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações que aposta grandemente no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto. Nascida de uma longa tradição de abordagem de textos, essa prática interpretativa se destaca, a partir do início do século XX, pela preocupação com recursos metodológicos que validem suas descobertas. Na verdade, trata-se da sistematização, da tentativa de conferir maior objetividade a uma atitude que conta com exemplos dispersos, mas variados, de pesquisa com textos. (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p.308).

Entende-se aqui, também, que nenhuma pesquisa é capaz de apreender a realidade em sua totalidade, o produto final é sempre provisório, de forma que nossos resultados são aproximações, uma representação do real. (FACUNDES, 2010).

As metodologias escolhidas, quaisquer que sejam, apresentam um ou mais vieses, que podem influenciar ou comprometer a total veracidade daquilo que é constatado ao fim da pesquisa; para isso, foi necessário o entendimento sobre o método e quais as formas de segui-lo à risca, sendo possível construir desta maneira, uma pesquisa que obteve seus resultados aproximados à realidade ao máximo, que é o que a leva a ser de caráter científico.

A objetividade neste tipo de análise, será valorizada e é típica do método, excluindo qualquer opinião do autor pesquisador. Esta análise permeia o discurso do conteúdo do texto e as inferências relacionadas à linguagem que corroboram ou não com um fato pré-existente, o que faz com que as categorias transformem-se em temas e estabeleçam um significado.

Diante disso, a autora se ateve às sentenças/textos/palavras, porém, sabe-se que a neutralidade total de qualquer pesquisador é utópica, pois os seres humanos carregam bagagens de experiência que, voluntária ou involuntariamente, são particulares de quem analisa os dados e inferem considerações pessoais de quem escreve. As informações provenientes da percepção do autor apenas devem surgir de forma a refletir o conteúdo, com o objetivo de transformar a realidade e explorar o assunto, preocupando-se em não mascarar ou direcionando, de forma indutiva, os resultados obtidos.

2.3 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo. A dimensão qualitativa se justifica devido à necessidade do entendimento sobre o fenômeno social da migração e o processo de realizar a moradia em alojamentos, e para isso, foram realizadas pesquisa *in loco*, utilizando uma entrevista semiestruturada com perguntas abertas com trabalhadores que realizam o processo de migração semanalmente, e vivenciam a moradia no alojamento fornecido pela empresa a qual trabalham.

Quantitativamente, esta pesquisa se utilizou das médias de alguns dados numéricos que foram indispensáveis para construir o perfil do público alvo e entender suas peculiaridades, através de um instrumento que será citado a seguir.

Para registrar dados do perfil da população amostral escolhida para a pesquisa – como sexo, escolaridade e idade – utilizou-se um questionário sociodemográfico adaptado através do Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) disponível para consulta no APÊNDICE B, por entender-se que as informações provenientes dele são necessárias para correlacionar a incidência do fenômeno social com a população que se estuda.

Quanto aos fins, esta investigação possui caráter exploratório e explicativo. Em seu caráter exploratório, pretendeu-se um aprofundamento devido à questão da insuficiência de estudos voltados para a compreensão das relações e condições gerais de vida e trabalho dos operários da construção civil e o diálogo com eles, bem como entender como acontece a tríade das variáveis trabalho-moradia-qualidade de vida através das categorias obtidas com a análise do conteúdo das entrevistas realizadas com os trabalhadores.

No que concerne aos meios, esta pesquisa é classificada como de campo, sua investigação empírica é realizada no canteiro de obra, onde ocorrem os fenômenos analisados neste estudo, que fazem entender e explicar os efeitos do residir no local de trabalho e seus impactos no cotidiano do indivíduo e no processo de trabalho.

O estudo foi aplicado na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, nos bairros do Valentina e Paratibe, localizados na zona sul, com os trabalhadores de uma empresa de construção civil que realiza obras nos dois bairros e que disponibiliza alojamentos, ao permitir que os operários durmam próximo ao local de trabalho durante a semana. Todos os trabalhadores entrevistados são migrantes de cidades do interior da Paraíba, e foram recrutados em suas cidades para executarem a atividade atual na capital, o qual demanda que estes se disponibilizem a permanecer a semana vivenciando o cotidiano no alojamento da empresa para a qual trabalham.

A coleta de dados aconteceu no canteiro de obras no período de dezoito (18), até vinte e sete (27) de março do ano de 2014. Primeiramente, eram realizadas as perguntas referentes ao questionário sociodemográfico, seguidas pela gravação das respostas referentes ao roteiro da entrevista semiestruturada. As visitas aos canteiros de obra para realização da coleta, aconteceram três (3) vezes por semana, constituindo-se em duas semanas de aquisição desses dados, no total de seis (6) encontros que possibilitaram contato com o público e campo estudado.

Ao chegar no campo de pesquisa, os trabalhadores realizavam tarefas já ao final da tarde (por volta das 16h), e a pesquisadora se dirigia ao responsável pela fiscalização do trabalho. Este responsável se comprometia em abordar os trabalhadores e perguntar se havia interesse e disponibilidade em participar de uma entrevista. Os trabalhadores voluntários apresentavam-se, e então era iniciada a apresentação do pesquisador, a explicitação dos conteúdos éticos vigentes, explanação sobre os objetivos da pesquisa, informações sobre a utilização daqueles dados posteriormente e o anonimato do entrevistado.

Primeiramente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, disponível em APÊNDICE D, era apresentado ao participante, que lia e assinava as duas vias ao concordar. Aos que necessitavam da leitura feita pelo pesquisador, o documento foi lido em voz alta e realizada a assinatura a rogo, nas duas vias do documento. Após este processo, o pesquisador utilizou o questionário sociodemográfico adaptado através do Índice de Capacidade para o Trabalho, de forma que este lia as perguntas e anotava as respostas dos participantes.

Dando continuidade à coleta, foi realizada uma técnica de interrogação, em entrevista semiestruturada, disponível em APÊNDICE A, através de perguntas abertas realizadas pelos

pesquisadores de forma particular em voz alta e em um local separado do local de execução de trabalho, mas ainda dentro do canteiro de obras. As respostas do entrevistado foram registradas através de gravadores de voz de propriedade do LASTE marca Sony, modelo ICD-PX333.

A seleção por uso de técnica de interrogação se procedeu para subsidiar a obtenção de dados a partir do ponto de vista dos pesquisados. Durante a aplicação do formulário teve-se a preocupação de formular as perguntas de forma clara e sem o uso de palavras difíceis ou de termos técnicos não previamente informados ao entrevistado.

Durante as coletas, foi possível conhecer diversos espaços da construção, inclusive o alojamento que se encontra ao lado de uma delas. A partir disso, o pesquisador também colheu informações acerca do ambiente da moradia destes trabalhadores e, com a permissão do fiscal de obra e dos operários, realizou-se um registro fotográfico da parte externa do alojamento, e diversos pontos da obra que estava sendo realizada.

Também fazem parte da metodologia, as reuniões para realizar a busca de pesquisas em bases de dados (LILACs, SCIELO, BIREME) que se constituem como referências de caráter científico e que são fundamentais para comprovar a incidência de alguns fatos encontrados no território e ao longo das entrevistas, e que se relacionarão posteriormente com os dados obtidos após a análise das respostas advindas da coleta de dados.

2.4 A PESQUISA QUALITATIVA E O USO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

A entrevista é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro que contém tópicos em torno de uma problemática central. (HAGUETTE, 1995 apud LIMA *et al.*, 1999).

Para Minayo, a entrevista privilegia a obtenção de informações através da fala individual, a qual revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e transmite, através de um porta-voz, representações de determinados grupos. (MINAYO, 1994 apud LIMA *et al.*, 1999).

Turato (2003) fala que as entrevistas semi-dirigidas significam que a direção pode ser dada alternadamente pelo pesquisador em alguns momentos, mas com flexibilidade que permita, ao entrevistado, assumir o comando. Dessa forma, ambos os integrantes da relação têm momentos para dar alguma direção, representando ganho na coleta dos dados para o alcance dos objetivos propostos.

Este processo é fundamental quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados.

[...] Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebem e significuem suas realidades ao levantar informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (DUARTE, 2004, p.215).

Figura 01: Coleta de dados



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

2.5 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS UTILIZADAS PARA A COLETA DE DADOS

Para a realização da coleta de dados no canteiro de obras, foram escolhidos dois instrumentos, os quais foram utilizados para a obtenção dos resultados. O primeiro se trata do Questionário Sociodemográfico adaptado através do Índice de Capacidade para o Trabalho e, o segundo, de um roteiro elaborado para a realização da entrevista semi-estruturada.

2.5.1 Questionário Sociodemográfico adaptado através do Índice de Capacidade para o Trabalho

Esse instrumento foi traduzido para a língua portuguesa por Fisher e validado no Brasil ao permitir diagnosticar a perda da capacidade para o trabalho precoce para que programas de prevenção, de manutenção e de promoção à saúde auxiliem na saúde ocupacional do trabalhador e possam mensurar o grau da perda. (DURAN; COCCO, 2004; MARTINEZ et al., 2009 apud MACHADO, 2009).

Nesta pesquisa, o ICT foi adaptado para a realidade do contexto estudado, de forma a obter as informações pessoais dos trabalhadores, mas que estivessem especificamente ligados ao trabalho deles, e que fornecessem os dados relevantes para a execução desta pesquisa. A adaptação foi necessária para complementar às perguntas que seriam necessárias para a obtenção dos objetivos da pesquisa. O questionário está disponibilizado em APÊNDICE B.

2.5.2 Roteiro de Entrevista Semiestruturada

A entrevista semiestruturada foi a opção escolhida para o estudo, posto que o colaborador da pesquisa tem a oportunidade de discursar sobre a vivência deste a partir de um norteamento feito pelo autor. Sabe-se, então, que a entrevista semiestruturada é uma forma de deixar livre o colaborador em suas expressões e palavras, mas também permite que o entrevistador seja parte do processo na medida em que pode participar das entrevistas. (TRIVIÑOS, 1987).

A entrevista parte da elaboração de um roteiro que consiste em enumerar, da forma mais abrangente possível, as questões que o pesquisador quer abordar no campo, a partir de suas hipóteses ou pressupostos, advindos da definição do objeto de investigação. (MINAYO *et al.*, 2008).

Nesta pesquisa, a entrevista semiestruturada disponível no APÊNDICE A foi pautada em uma busca por bibliografia que compreende os temas abordados neste trabalho, o que nos fez desenvolver hipóteses acerca do que gostaríamos de pesquisar ou encontrar em campo. Ou seja, o instrumento foi construído *a priori*, e sem contato prévio com a população a ser estudada.

Devido à infinidade de fatores particulares que se poderiam encontrar no grupo entrevistado, as perguntas basearam-se em questões gerais do cotidiano e da situação de vida do indivíduo, nos preocupando em não gerar respostas indutivas.

Segundo Brandão (2000 apud DUARTE, 2004), no caso de pesquisas que fazem uso de entrevistas, é necessário explicitar sempre: a) as razões pelas quais optou-se pelo uso daquele instrumento; b) os critérios utilizados para a seleção dos entrevistados; c) o número

de informantes; d) o quadro descritivo dos informantes: sexo; idade; profissão; escolaridade; posição social no universo investigado etc.; e) como se deram as situações de contato (como os entrevistados foram convidados a dar seu depoimento, em que circunstâncias as entrevistas foram realizadas, como transcorreram etc.; f) roteiro da entrevista (de preferência em anexo) e g) procedimentos de análise (anexando, no final do texto ou relatório, cópia de uma das transcrições – desde que não haja necessidade de preservar a identidade do informante). (BRANDÃO, 2000 apud DUARTE, 2004).

2.5.3 Grelha de Análise do Conteúdo

Para categorizar as informações orais, ou seja, o diálogo entre o entrevistador e o público entrevistado, é previsto no método da Análise de Conteúdo, a construção de uma grelha de análise, que busca classificar e codificar os elementos de registros obtidos, tornando-os resultados de significação das mensagens. A grelha também finaliza a análise a partir do momento que dá, ao pesquisador, a obtenção dos temas, que se constituem em uma afirmação dada pelo público a partir de um assunto. Ou seja, é a técnica responsável por organizar as entrevistas transcritas ao lhes dar significado e transformá-las em categorias temáticas a serem discutidas nos resultados.

A construção da grelha de análise deste trabalho foi proveniente do que está previsto nas diretrizes do método da análise de conteúdo a partir das ideias de Bardin (2004), que foram complementadas com a leitura de pesquisas empreendidas com metodologia similar, que utilizam a mesma abordagem e se encaixam no perfil da presente pesquisa. Este processo, no presente trabalho, foi realizado *a posteriori*, após inúmeras leituras e reconhecimento das informações verbais transcritas que foram obtidas na coleta de dados.

À medida em que a autora percebia quais os conteúdos e unidades de significação mais frequentes no diálogo com a população estudada, os temas a serem definidos se libertavam dos elementos textuais de forma a permitir maior facilidade de leitura dos códigos, possibilitando que fossem apresentados, ao final do trabalho de forma compreensível aos leitores, e pertinente ao regimento do método. A grelha e seus elementos definida, está disponível para verificação no APÊNDICE C deste trabalho.

2.6 ASPECTOS ÉTICOS

Este estudo se constituiu a partir de uma pesquisa envolvendo seres humanos, pelo fato de entrevistar indivíduos e colher os dados pessoais deles, necessitando, então, da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde (CCS), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O trabalho foi aprovado no Comitê, com o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 17163613.0.0000.5188, nos dando a permissão de ser executado em todos os quesitos que foram apresentados no projeto enviado previamente a este órgão avaliador competente. O parecer do Comitê de Ética para autorização de realização da pesquisa, está disponível para consulta em ANEXO A.

2.7 FINANCIAMENTO

Esclarece-se que esta pesquisa foi contemplada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) com vigência 2013-2014 com número interno 23074.043466/13-66, que financiou o estudo através da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Desta maneira, o projeto foi previamente idealizado com o objetivo de gerar dados para o que aqui foi descrito, Trabalho de Conclusão de Curso da Aluna Pesquisadora Bolsista deste Programa, Marina Batista Chaves Azevedo de Souza, que será apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional, sob supervisão ao nível de PIBIC da docente Márcia Maria Monte'Alverne e sob orientação da Professora Bárbara Iansã de Lima Barroso.

A bolsa recebida pela pesquisadora mensalmente, foi designada para cobrir os gastos referentes aos materiais utilizados na pesquisa, bem como para o transporte desta até os locais onde foram realizadas as coletas de dados e observações do cotidiano, análise dos dados e outras atividades referentes à construção deste trabalho. Foram igualmente utilizados alguns recursos internos do LASTE do departamento de Terapia Ocupacional da UFPB.

2.8 UNIVERSO E AMOSTRA

Serão descritos os dados referentes à população, ao local de atuação deste público (local de realização da pesquisa), à amostra, e aos critérios particulares adotados na elaboração da pesquisa.

2.8.1 Participantes do estudo

A escolha da amostragem foi definida objetivando a diversidade social e étnica da população pesquisada, de forma a possibilitar a caracterização por realidades diferentes. O estudo foi direcionado a uma empresa privada da construção civil, localizada na cidade de João Pessoa/PB.

O público alvo desta pesquisa constituiu-se de trabalhadores de duas obras realizadas por esta empresa que executam um processo de migração semanal para vivenciar o trabalho e, consequentemente, a rotina no alojamento fornecido pelo gestor do empreendimento, próximo ao canteiro de obras no qual trabalham. Esta população foi convidada a vivenciar esta pesquisa por meio do mestre de obras responsável pelo trabalho, o qual identificou os indivíduos que preenchiam os pré-requisitos exigidos nesta pesquisa, formando a amostra final de 17 (dezessete) trabalhadores participantes.

Figura 02: Participantes da Pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

2.8.2 Critérios de Inclusão

Os critérios de inclusão adotados durante a pesquisa foram assim definidos: primeiramente, ser colaborador do setor; e, segundo, não residir em João Pessoa de forma fixa. Além desses dois critérios principais, apenas puderam ser incluídos na pesquisa, os indivíduos que residem durante a semana no alojamento para trabalhadores fornecidos pela empresa privada em questão; que não esteja utilizando medicamento controlado o qual altere seu comportamento psicológico ou seu desempenho físico; estar disposto a participar

voluntariamente desta pesquisa; e aqueles que concordarem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi utilizado na coleta dos dados da pesquisa.

2.8.3 Critérios de Exclusão

Foram considerados os seguintes critérios para a exclusão dos trabalhadores no estudo:

- a) Início ou fim do período de férias do trabalhador no período da coleta de dados;
- b) Desligamento da empresa no período da coleta de dados;
- c) A não aceitação em participar da pesquisa ou em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- d) A qualquer momento a pedido do trabalhador;
- e) Óbito ou afastamento das atividades por qualquer motivo durante o período de coletas.

2.9 DADOS DA CIDADE DO TRABALHO ATUAL E DA CIDADE NATAL

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) estimam que, na atualidade, João Pessoa possui uma população estimada, em 2013, de 769.607 habitantes; em 2010, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município era de 0,763, com média 0,658, o Estado ocupa a 23ª posição no ranking dos estados brasileiros. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2013).

A população migrante, objeto de pesquisa neste estudo em sua maioria são oriundos de Pilar, cidade com população estimada em 2013 de 11.620 habitantes, IDH 0,579 um dos mais baixos do Estado, característica esta que explica o processo de migração vivenciado por estes adultos em idade produtiva. (IBGE, 2013).

Figura 03: Canteiro de obras – Município de João Pessoa, Paraíba



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

2.9.1 Dados sobre Crescimento Imobiliário

Em 2010, no auge dos despejos que marcou a crise financeira mundial, iniciada em 2007 – a qual deixou bairros inteiros praticamente abandonados em todo o território dos EUA –, mais de 2 milhões de famílias foram despejadas ao longo dos anos de 2007 a 2013 devido, em sua maioria, a não quitação das dívidas hipotecárias.

Ao mesmo tempo no Brasil, loteamentos horizontais e verticais começaram a ser construídos nas periferias das grandes e médias cidades brasileiras. Uma das principais respostas do governo à crise foi o lançamento do pacote habitacional Minha Casa Minha Vida, em abril de 2009, com a meta de produção de um milhão de moradias.

O pacote teria o papel de reduzir os possíveis efeitos da crise financeira de 2008 no Brasil, por seu caráter supostamente anticíclico e, ao mesmo tempo, ampliar o acesso à moradia para a população ativa economicamente mais baixa. Após o anúncio do Pacote Minha Casa Minha Vida (PMCMV) – mesmo antes de as obras se iniciarem – o setor da construção liderou a alta na Bolsa, com destaque para as empresas voltadas ao segmento econômico. (FIX, 2011).

A aquisição da casa própria é o sonho da maioria das famílias brasileiras desde os tempos do Império, principalmente das classes sociais mais pobres. Essa população, em sua

grande maioria, instalou-se na periferia das duas principais cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo, num aglomerado de casas rusticamente construídas nas bases dos morros e no limiar de penhascos em razão da baixa oferta de imóveis com valores acessíveis e da falta de programas de financiamento destinados à aquisição de moradia – característicos no século XIX e XX. (D’AMICO, 2011).

Além do caráter social, o PMCMV também possui uma postura econômica associada ao crescimento do país, uma vez que o lançamento em 2009 coincidiu com o choque causado pela eclosão da crise financeira mundial. O volume de recursos disponibilizados indica que o PMCMV se trata também de uma política anticíclica, válvula propulsora de estímulos na área da construção civil, tradicionalmente um setor que emprega grande quantidade de trabalhadores com baixa qualificação, mas que possuem uma grande participação no PIB do Brasil. (FIX, 2011).

Ao mesmo tempo em que permitem o acesso a dados que confirmam o crescimento econômico do país, tais programas influenciam o aumento da indústria da construção civil, mas ainda não conseguem resolver os problemas da precarização do trabalho e dos vínculos empregatícios que essas numerosas empresas poderão oferecer aos seus contratados.

Diante disso, esse aumento da rotatividade do capital e das empresas contratantes faz com que elas procurem as camadas sociais mais baixas, sempre objetivando o lucro e o crescimento do seu capital de giro, propondo as mais diversas formas de acordo empregatício, inclusive os precários, que são aceitos por esta população devido à necessidade de sobrevivência dessas pessoas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

“A teoria sem a prática vira “verbalismo”, assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”.

Paulo Freire

Tendo em vista que não se pode entender as condições de vida e a relação desses trabalhadores com a atual moradia sem entender o contexto geral da profissão e dos objetivos do estudo, levou-se em consideração algumas pesquisas anteriores baseadas nas hipóteses que deram origem a este trabalho, as quais buscam relatar a influência do estresse ocupacional em operários da construção civil, e até mesmo as que falam sobre a importância dos componentes subjetivos existentes na relação do indivíduo com o trabalho.

3.1 O ESTRESSE OCUPACIONAL – SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Os agravos mais frequentes na população de trabalhadores da construção civil – alcoolismo, doença mental, doença psicossomática, bem como os acidentes de trabalho – podem ser, sem dúvida, tomados como sintomas de seu sofrimento. Para compreendê-los, a dinâmica da organização do trabalho, com toda a certeza, deve ser analisada. Porém, também se deve ao fato de que essa população, na sua maioria, é de migrantes, 81% oriunda do Nordeste. (KLAUSMEYER, 1988 apud BORGES; MARTING, 2004).

Pode-se definir o estresse ocupacional a partir do enfoque nos estressores organizacionais que permitem diferenciar dois tipos de estudo: os de estresse ocupacional e os de estresse de forma geral. O ocupacional enfoca estressores relacionados ao ambiente de trabalho e, os de forma geral, estressores gerais na vida do indivíduo. (PASCHOAL; TAMAYO, 2004, p. 46). Assim, a ansiedade, a angústia, o esgotamento profissional, a depressão e o estresse fazem parte, atualmente, do vocabulário no mundo do trabalho.

Além de os fatores ocupacionais serem de suma importância para definir a exposição ou não dos trabalhadores a doenças ou sofrimento mental, os estressores gerais da vida do indivíduo são importantes, pois referem-se não apenas à atividade ou ao ambiente do trabalho, mas versam sobre como o indivíduo encara as suas relações no atual emprego, a sua ligação com a família apesar da distância, e até mesmo as diferenças (no caso do migrante) culturais,

sociais, e de cotidiano que o sujeito é obrigado a vivenciar diante deste sistema, e que quando doentios, são aspectos promotores de doenças e, conseqüentemente, de baixa qualidade de vida.

Entende-se que o sofrimento mental interfere na capacidade produtiva das pessoas e que, em alguns momentos, pode tornar difícil seu convívio com os outros; mas isto não significa que elas se tornem definitivamente incapazes de gerir os debates de normas exigidas para toda a atividade, em especial a atividade laboral.

Defende-se aqui que entender melhor como essas pessoas se colocam no trabalho, em atividade, pode ajudar no entendimento do que sejam os sofrimentos mentais – que o Código Internacional de Doenças (CID) reconhece com o nome de transtornos – e compreender melhor o que é o trabalho e o lugar que ele ocupa ou poderia ocupar na vida de todos os seres humanos. (ZAMBRONI-DE-SOUZA, 2006, p. 176).

Para Dejours (1999), o trabalho contém vários elementos que influenciam a formação da autoimagem do trabalhador que, por sua vez, é razão de sofrimento. As implicações do trabalho na identidade pessoal e social destes indivíduos podem atingir também relações familiares, e as demais formas de inserção social. Para o autor, o trabalho é um elemento central na construção da saúde e identidade do Homem e sua influência ultrapassa o tempo da jornada laboral, se estendendo para a vida familiar e tempo livre. (DEJOURS, 1999 apud CREMASCO *et al.*, 2008).

Quando além de vivenciar o trabalho promotor de sofrimento, o trabalhador também é obrigado a deixar sua terra natal para a execução desta tarefa em prol da sobrevivência, este sofrimento é drasticamente elevado, e influi no cotidiano laboral. Um trabalhador dotado de estresse ocupacional, e que semanalmente retorna para casa obviamente com esse nível de estresse elevado, pode estar sujeito a enfraquecer suas relações sociais e pessoais, o que influi diretamente na saúde mental deste indivíduo que não vê saída deste processo devido à dependência do capital fornecido pelas empresas da construção civil.

Diante disso, constata-se que o trabalhador é o indivíduo mais adequado para identificar os perigos e riscos inerentes ao trabalho, já que é a vítima dos acidentes e adoecimentos. Estes, sempre são afastados da possibilidade de colaborar ou de opinar sobre alterações e intervenções no ambiente e na organização de seu trabalho, inclusive os fatores geradores de estresse. Estudos que permitem que o pesquisador escute este público podem ser estimuladores de reflexão para estas pessoas sobre esse estresse e os fatores causadores deste.

3.2 MIGRAÇÃO PENDULAR

Compreender alguns aspectos sobre a migração é necessário, devido à este assunto perpassar por toda a pesquisa pelo fato de a população trabalhadora entrevistada ser composta, em sua totalidade, por sujeitos que vivenciam semanalmente a migração interna e todas as implicações advindas deste processo.

Para Gonçalves (p. 173, 2001) as migrações

[...] costumam figurar como o lado visível de fenômenos invisíveis. Aparecem muitas vezes como a superfície agitada de correntes subterrâneas. Verdadeiros termômetros que revelam e escondem, ao mesmo tempo, transformações ocultas. Os grandes deslocamentos humanos, via de regra, precedem ou seguem mudanças profundas, seja do ponto de vista econômico e político, seja em termos sociais e culturais. Os maremotos históricos provocam ondas bravias que deslocam populações e povos inteiros em massa. Numa palavra, a mobilidade humana é, em geral, um sintoma de grandes transições. Quando ela se intensifica, algo ocorreu ou está para ocorrer, ou melhor, algo *está ocorrendo* nos bastidores da história. (GONÇALVES, 2001, p. 173).

A migração pendular, ou mobilidade pendular, pode ser conceituada como o movimento dos indivíduos que residem em determinada cidade ou município, porém, por algum motivo, necessitam cumprir suas atividades de trabalho em um local diferente. Neste caso, os trabalhadores deslocam-se do meio rural para executar a atividade laboral em empresas da construção civil na capital do estado.

Ao analisarmos este movimento pendular, percebe-se que esse tipo de migrante está, na maioria das vezes, em busca de relação com um município que possui melhor economia, capital de giro e, conseqüentemente, melhores e, quantitativamente, maiores oportunidades de emprego. Isto pode levar a uma concepção de que, obrigatoriamente, a ideia de migração pendular deve estar ligada à pobreza ou às baixas camadas sociais, porém, esta ideia não se confirma no Comunicado Nº 61 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA.

Na região Nordeste, há uma seletividade em relação à distância de migração: os mais escolarizados preferem migrar dentro da própria região, ao passo em que a decisão de mudar de região fica relativamente mais restrita aos menos escolarizados. Assim, deve-se avaliar a hipótese de que a migração inter-regional sofre efeitos relacionados à estrutura dos mercados de trabalho, mais aberta aos migrantes de menor qualificação, enquanto o trabalhador mais escolarizado multiplica suas estratégias de mobilidade, considerando o aumento do seu capital relativo no contexto da sua própria região. (BRASIL, 2010).

Diante destes fatos, percebe-se que a migração em busca de trabalho não ocorre apenas de regiões pobres para regiões mais estáveis economicamente, nem necessariamente é

realizada pelos indivíduos que procuram sair da condição de pobreza, pois, no caso do Nordeste, apesar de as migrações inter-regionais serem realizadas pela população com baixa qualificação, existem as migrações externas ao estado do migrante, realizada por uma população escolarizada que busca aumentar a situação econômica que este possui em sua região, dirigindo-se para fora dela.

A partir do momento em que o migrante desprovido de qualificação se desloca dentro do estado com o objetivo de mitigar sua condição de pobreza ou possibilitar a sua sobrevivência e de seus dependentes, aumentam-se as chances de que este concorde com propostas para realizar atividades de trabalho informal (desprovido de vínculo com o contratante) e sem garantias futuras.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, no ano de 2008, 61,5% dos migrantes dentro do Nordeste executam trabalhos de forma informal. Essa informalidade diminuiu com relação aos anos de 1995 (70,3%), 2001 (70%), e 2005 (63,7%). Com relação ao salário dos migrantes dentro do Nordeste, este também aumentou desde 1995, que era estimado em R\$ 928,42, e em 2008 é equivalente a R\$ 1.092,71. (BRASIL, 2010).

Pode-se dizer que a informalidade diminuiu cerca de 10% em 18 anos. Este é um processo complexo, pois muitas vezes depende das relações de dependência do trabalhador com a empresa para qual trabalha e, no caso desta pesquisa, devido ao fato de os salários e as condições econômicas no interior do estado da Paraíba serem inferiores aos da capital, os trabalhadores da construção civil que migram dessas cidades para a Grande João Pessoa, dependem do recebimento desse salário para que possam promover uma maior tranquilidade financeira para suas famílias.

Vale (2006) reflete que os indivíduos migrantes, tendem a se “territorializar” nos espaços para os quais terminam vivendo esta condição. Esta mistura de culturas se justapõem, e colaboram para a existência de uma “reterritorialidade”. Neste sentido, a migração passa a ter um papel agente quando faz com que os migrantes sejam produtores da sua cultura, inserindo-a nos territórios para os quais se movimentam.

Essa realidade de “reterritorialidade” pode ser modificada quando o migrante involuntariamente inicia o enfrentamento ao processo de isolamento. Quando o deslocamento pendular resume-se ao fato de voltar com o dinheiro que sustenta a família, os grupos de trabalhadores da indústria civil isolam-se ao redor dos alojamentos fornecidos pelas empresas que estão, no geral, próximos dos canteiros de obra. Os trabalhadores, quando não se aventuram no território, ou quando não adquirem relações pessoais que nascem através do contato com a cidade de trabalho, muitas vezes transformam seu cotidiano em “guetos”, ou

grupo de “outsiders” que são formados por trabalhadores receosos com as lutas que podem ser enfrentadas nas cidades grandes.

Além disso, acabam também, consciente ou inconscientemente, evitando o preconceito ou repressão que pode ser iniciado pelos nativos da cidade de trabalho. De uma maneira ou de outra, são estratégias de defesa, de indivíduos que têm medo de “invadir” a terra da população local, mas que isolam o trabalhador socialmente, agravam as angústias provenientes deste processo e diminuem as chances de crescimento cultural, pessoal ou profissional na cidade para a qual migram, pois, nessas cidades, a economia é considerada mais pródiga do que a da cidade de origem desses indivíduos.

O isolamento social que os migrantes sofrem nos locais de destino, em consequência da estigmatização e discriminação quanto a origem étnica, crenças religiosas, local de origem e trabalho que desempenham, condicionam a adaptação e integração na sociedade de acolhimento. Essas situações podem comprometer a saúde mental, sobretudo quando, a tais fatores, somam-se situações de estresse. (CARBALLO; NERUKAR, 2001; CARTA et al., 2005; DIAS; GONÇALVES, 2007 apud VASCONCELOS et al., 2011).

Autores como Elias e Scotson (2000) definem a ideia de estabelecido e “outsiders” que explicam as resultantes sobre os comportamentos relacionais entre os migrantes e os ditos “nativos”. Os “estabelecidos” são aqueles que tratam o lugar como provedor de seus laços históricos, do lugar como seu território. Os “outsiders”, podem ser conceituados como intrusos, recém-chegados, ou migrantes que, muitas vezes, são inferiorizados e estigmatizados pelos estabelecidos o que gera, como consequência, a marginalização social desse grupo. (ELIAS; SCOTSON, 2000 apud VASCONCELOS et al., 2011).

A migração pendular como produtora de consequência a vida do ser trabalhador, é considerada um movimento importante quando se pretende avaliar a qualidade no trabalho e a necessidade de sobrevivência. Porém, é necessário estudar o perfil da população migrante e o contexto do território natal e da cidade para a qual se realiza a migração por oportunidade de trabalho para que, desta forma, se possam destacar os possíveis danos adquiridos à vida desses indivíduos, e o quanto esse processo realmente influencia no cotidiano.

O Brasil de hoje fez da migração interna uma atividade-risco. Antes era uma alternativa para a mobilidade social, agora é uma mera alternativa para a sobrevivência. Os emigrantes potenciais existem em abundância, o que não existem são alternativas sociais e econômicas que façam do seu deslocamento no espaço um motivo, pelo menos, de esperança. (BRITO, 2006, p. 234).

3.3 TERAPIA OCUPACIONAL: TRABALHO E SUBJETIVIDADE

Entende-se que os conceitos da psicodinâmica do trabalho e o contexto histórico pelo qual se passa no mundo do trabalho até se chegar nos dias atuais, muito mudaram, e definem as questões de sofrimento do trabalhador e dos mecanismos de defesas que eles adquirem ao longo do seu processo de enfrentamento diante de algumas situações que são impostas dentro da sua realidade laboral. A psicanálise auxilia a entender a psicodinâmica do trabalho e os sofrimentos preexistentes neste campo.

A Psicodinâmica do Trabalho (PDT) entende que, na vida adulta, o espaço do trabalho será privilegiado para trocas, aparecendo como mediador central da construção, desenvolvimento e complementação dessa identidade individual. Assim, o trabalho tem fundamental importância para a constituição da vida psíquica. (DEJOURS, 2004 apud JARDIM; LANCMAN, 2009).

O trabalho permite, também, o confronto entre mundo externo e interno do trabalhador. O mundo objetivo, com suas lógicas, desafios, regras e valores entrará em conflito com a singularidade do trabalhador, fazendo com que o confronto entre relações e organizações do trabalho *versus* mundo interno e subjetivo do indivíduo seja gerador de sofrimento psíquico. (JARDIM; LANCMAN, 2009).

Nesta linha, pode-se dizer que o trabalhador possui componentes objetivos e também subjetivos, os quais emprega nos processos de labor. O trabalho pode, então, ser um viabilizador de prazer, crescimento social e pessoal; como também pode se constituir em fonte de angústia e adoecimento psíquico para o indivíduo. Fica constatada, então, a impossibilidade de se dizer que os aspectos colocados no trabalho são neutros, pois o indivíduo implícito nele é dotado de valores, experiências, prazeres, e angústias, que influenciarão o significado do trabalho para ele.

Para a apreensão das angústias vividas no trabalho, Dejours, inspirado na Psicanálise, propõe uma atividade de escuta atenta à fala dos trabalhadores. Não só a fala individual, mas principalmente a coletiva. Isso porque, para a psicodinâmica do trabalho, se o sofrimento é da ordem do singular, sua solução é coletiva. Para tanto, é fundamental que se crie o que o autor chama de espaço público, espaço de circulação da palavra coletiva. É na escuta do que é expresso que se cria a possibilidade do sofrimento emergir e sua solução ser pensada por todos. (LANCMAN; UCHIDA, 2003, p. 84).

Para Dejours (1999a), o trabalho é um dos principais componentes para a conquista da identidade dos indivíduos, sendo assim, os reconhecimentos recebidos, são fundamentais para

o estabelecimento da sua produção, e a amenização dos processos psicopatológicos, pois segundo este pensamento, para produzir, é necessário que o trabalhador também enxergue a possibilidade de retribuição para os seus esforços. (DEJOURS, 1999a apud LANCMAN; UCHIDA, 2003). O mesmo autor ainda ressalta que

[...]A forma específica da retribuição é o reconhecimento no sentido duplo do termo: reconhecimento no sentido de admitir essa contribuição da pessoa e reconhecimento no sentido de gratidão. (DEJOURS, 1999a apud LANCMAN; UCHIDA, 2003).

O reconhecimento no trabalho, além de ser importante para que o trabalhador continue motivado a produzir é essencial para que ele consiga manter mecanismos de defesa para permanecer em situações que podem ser de imensa vulnerabilidade ou precarização, mas que, sendo valorizadas pelos seus iguais ou seus superiores, passam a constituir a identidade do sujeito ao evitar o constante destaque das angústias que esses trabalhadores podem vivenciar.

Não se trata de qualquer reconhecimento, mas do reconhecimento dos pares na medida em que conhecem a fundo o trabalho e podem avaliá-lo em aspectos por vezes menos visíveis para os leigos. O autor tem consciência de que o julgamento dos pares é o mais severo e crítico. O trabalho, nesse sentido, é um campo privilegiado na conquista da identidade pelos indivíduos. (LANCMAN; UCHIDA, 2003).

Sabendo da importância do trabalho sendo executado então, com a identidade e as características pertinentes do sujeito que o realiza, percebe-se que a alienação no trabalho, ou seja, o indivíduo que é impossibilitado de ser dotado de significados por motivos advindos dos seus superiores ou da situação em que se encontra submetido pode estar mais exposto e vulnerável às questões das patologias psíquicas.

A sensação de sofrimento mental desses sujeitos não atingem apenas as questões pertinentes à qualidade de vida do indivíduo, mas também “danificam” a parte identitária e subjetiva do homem, fazendo-o refém de vivências adoecedoras no próprio ambiente laboral e que são causadas pelo estresse no trabalho, as quais colaboram para a falta de motivação e o levam a realizar uma atividade sem significado que não contribui para nenhuma forma de crescimento individual ou realização pessoal.

No caso da população pesquisada, que já apresenta maiores possibilidades de sofrimento devido à distância de suas raízes, dos seus laços sociais e afetivos, vinculados à necessidade da força de trabalho para realizar a mão-de-obra braçal que subjuga a sua criatividade, inteligência, e subjetividade; as possibilidades de aquisição das patologias psíquicas podem estar drasticamente elevadas como um todo, necessitando, então, para este

público alvo, um olhar especial voltado a esse processo de trabalho e à vivência nos alojamentos fornecidos pela empresa.

A Terapia Ocupacional tem como objetivo em saúde do trabalhador, possibilitar estes espaços de troca e pensamento crítico, permitindo a impressão das particularidades e o sentido subjetivo por parte dos trabalhadores. Junto à psicodinâmica do trabalho, os terapeutas ocupacionais realçam as estratégias utilizadas por estes indivíduos, e auxiliam na retomada de outras, que também minimizem o sofrimento e a situação de exposição à fatores de riscos que é decorrente na vida dessas pessoas.

Entender o ambiente de trabalho, a atividade, e os fatores do cliente (trabalhadores), fazem com que exista o entendimento do trabalho, imprimindo importância à opinião e percepção dos próprios operários, que são os indivíduos ativos e que adquirem os benefícios e consequências nesse processo.

A profissão terapia ocupacional, tem a facilidade de intervir nesse processo devido ao seu caráter qualificado primeiramente para entender a importância de obter as questões particulares em qualquer cotidiano ou atividade que o ser humano realize, evitando a alienação, e em segundo lugar, por estudar a necessidade de lidar com os interesses do sujeito e fazer do indivíduo um agente no processo de mudança da sua realidade, através da própria ocupação.

4 DISCUSSÃO E APRESENTAÇÃO DOS ACHADOS

“Amou daquela vez como se fosse a última
 Beijou sua mulher como se fosse a última
 E cada filho seu como se fosse o único
 E atravessou a rua com seu passo tímido
 Subiu a construção como se fosse máquina
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
 Tijolo com tijolo num desenho mágico
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima
 Sentou para descansar como se fosse sábado
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música
 E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
 E flutuou no ar como se fosse um pássaro
 E se acabou no chão feito um pacote flácido
 Agonizou no meio do passeio público
 Morreu na contramão atrapalhando o tráfego”

Chico Buarque

Este capítulo apresentará os resultados obtidos com o questionário sociodemográfico e que deu origem ao perfil da população de trabalhadores estudados e as categorias obtidas após a verificação do conteúdo das entrevistas, discutindo sobre elas e utilizando perspectivas teóricas de alguns autores que já pensaram sobre estes temas, e reflexivas inovadoras, do autor desta pesquisa, possibilitando o preparo para as conclusões e finalizações do presente estudo.

4.1 REFLEXÕES SOBRE AS INFERÊNCIAS ENCONTRADAS NOS RELATOS

A partir da análise das entrevistas individuais dos trabalhadores, e dos motivos que guiaram o processo de migração de seu município natal para a cidade do emprego atual levando a vivenciarem a rotina no alojamento, pode-se perceber o quão danoso o conjunto desses fatores podem ser para a sua vida ocupacional e pessoal, e quantas consequências o trabalhador pode estar exposto devido a situações de estresse, angústia, ou dificuldade de adaptação, que são mantidas pela necessidade de obtenção do emprego para a sobrevivência desses sujeitos e de suas famílias.

O objetivo deste tópico é descrever a constatação destas consequências impostas nas entrevistas e analisar os contextos sociais e históricos, ligados a teorias e utilizando, como

exemplo, a similaridade na fala dos trabalhadores, sendo estas representantes do significado de cada categoria, devido à extensão que a pesquisa poderia apresentar se todas as falas fossem aqui citadas. Da mesma forma, serão apresentados os resultados pautados nas informações sociodemográficas e de trabalho da população estudada que, somadas às manifestações dos trabalhadores, proporcionarão resultados mais consistentes.

Entende-se que os resultados apresentados serão provenientes de informações, especificamente desse público alvo, porém, não impedido que elas sejam generalizadas em alguns aspectos, devido à pré-existência de citações de outros estudos já publicados e que corroboram com as conclusões do presente estudo, fazendo com que a pesquisa tenha relevância externa.

4.1.1 Resultados acerca do perfil dos trabalhadores com base no questionário sociodemográfico adaptado pelo Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT)

Para a identificação do perfil do público alvo entrevistado, utilizou-se o questionário sociodemográfico adaptado já citado anteriormente, que permitiu encontrar algumas variáveis importantes a serem consideradas no estudo.

O perfil desses indivíduos é composto, então, por pessoas em sua totalidade do gênero masculino, com faixa etária de dezenove (19) a cinquenta e quatro (54) anos, o que dá uma média de idade correspondente a trinta e sete (37) anos de idade, uma população jovem em plena capacidade produtiva.

No quesito religiosidade, sete (7) dos trabalhadores identificaram-se na pesquisa como praticantes da religião Católica, sete (7) como Evangélicos (Protestantes), e três (3) responderam que não possuem religião nenhuma. Ou seja, os indivíduos religiosos constituem 82,35% da amostra, resultando na maioria dos integrantes do grupo. Devido a isso, serão apresentados, nos resultados, fatores associados ao dado de que a maioria do grupo é praticante de religiões. Descrever-se-ão, nas considerações finais, a influência da prática religiosa no relacionamento entre estes indivíduos; bem como a influência de outros aspectos de práticas desenvolvidas no tempo livre dentro da jornada de trabalho, e de fatores que indicam a aceitação da situação atual, benefícios/consequências.

A média de moradores numa mesma residência da cidade natal destes trabalhadores é de três (3) indivíduos, contando com o trabalhador incluso nesta soma. Avaliou-se o número de indivíduos contidos na residência, como sendo o número de pessoas dependentes da renda proveniente do trabalho no canteiro de obras, o que se configura como um elemento

fundamental para que esses indivíduos continuem exercendo sua função apesar de consequências ou agravos à saúde, que também serão citados nas categorias dos resultados obtidos.

No quesito escolaridade, constatamos que 88,23% dos indivíduos possuem alguma escolaridade, que varia entre ensino fundamental incompleto, até ensino médio completo. A ausência de realização de cursos técnicos voltados a área da construção civil e a impossibilidade de crescimento devido às longas jornadas de trabalho se constituem como um fator que torna este público estagnado, sem possibilidades de crescimento segundo as perspectivas da empresa contratante.

Apenas um dos entrevistados possui a carteira assinada (salário de R\$ 2.000, o maior do grupo). Ou seja, 94,11% da amostra, não possui vínculo empregatício. Este fato será explicitado igualmente nos resultados, que explorará a precarização do trabalho e as consequências negativas para o futuro dos sujeitos em questão.

A renda deste grupo, que é fornecida para o restante dos integrantes da amostra, resultou em uma média de R\$1.308,00. Existiu, também, a constatação de que estes trabalhadores recebem remunerações diferentes, de acordo com o tipo do cargo, atividade, e tempo de trabalho.

Foi verificada uma média de 4,3 anos de trabalho na atual profissão desse grupo, o que avaliou-se subjetivamente em um tempo suficiente para a obtenção de malefícios à saúde, e para que eles possam expressar a ideia de satisfação ou insatisfação no trabalho, mesmo que exista a dificuldade de expressar a insatisfação devido ao medo da perda do emprego necessário à sobrevivência.

De acordo com o Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE) (2014), o rendimento médio real habitual dos trabalhadores brasileiros foi estimado, para o conjunto das seis regiões pesquisadas, no mês de março de 2014, em R\$ 2.026,60. Este resultado foi considerado estável em relação ao mês anterior e 3,0% acima do registrado em março de 2013 (R\$ 1.967,54). A partir desses dados, nota-se que o salário do grupo de trabalhadores desta pesquisa, encontra-se atualmente a baixo da média do trabalhador brasileiro.

Este público trabalha em média 42h semanais, devido à variação de tempo de serviço para os diferentes cargos que foram entrevistados, o que corresponde a cerca de 8,4h por dia, um longo período devido ao fato de toda a atividade ser de cunho braçal, utilizando as estruturas corporais durante todo o dia, muitas vezes de forma precária e prejudicial.

Mesmo que o perfil do grupo seja constituído de muitos fatores que são cruciais para o agravo à saúde do ser humano, nos dados colhidos sobre a satisfação deles no trabalho, foi

encontrado que apenas um (1) participante da pesquisa, apresenta insatisfação com o emprego atual, o que totaliza 94,11% dos indivíduos que estão satisfeitos ou muito satisfeitos com a situação empregatícia de forma geral. Isto mostra que esse grupo, além de ter obtido, através deste trabalho, uma situação e remuneração melhor do que no emprego anterior, pode este quesito ser influenciado por fatores mais complexos, como o medo ou a não obtenção do direito a reclamar.

Esses fatos possibilitaram identificar e introduzir as questões individuais do grupo que participou deste estudo, e também justificam a necessidade de um questionário sociodemográfico incluso nesta pesquisa. Estes dados serão acrescentados à bibliografia específica e aos fragmentos colhidos com as entrevistas gravadas auxiliando a complementar a obtenção das conclusões pertinentes, pois é imprescindível que se conheça o perfil da população estudada, para que se perceba o caráter particular de um grupo, nos resultados.

4.1.2 A relação homem versus labor – A construção da identidade e a alienação no trabalho

A primeira questão que norteou a entrevista desta pesquisa teve o objetivo de entender como foi realizada a migração da cidade dos moradores até a grande João Pessoa-PB, levando em conta o atual trabalho deles. Os resultados das inferências dessa entrevista constituíram-se de depoimentos dos indivíduos quanto à situação que se encontravam antes de receberem esta proposta de trabalho; através de quem essa proposta foi realizada, e o quanto isso afetou sua dinâmica, ou os sentimentos que possuem acerca desse processo de mudança.

As dificuldades na migração citadas pelos trabalhadores, e a busca destes por esta situação mesmo que ela seja causadora destas dificuldades, gerou a subcategoria “Precariedade do vínculo empregatício e a duração da força de trabalho” já que entende-se esta população se constitui como vulnerável, devido ao trabalho braçal, e detentora de déficit dos vínculos empregatícios típicos da profissão justificados pela oferta das oportunidades de receber o capital que antes não era obtido por outro meio.

Os trabalhadores que responderam à entrevista deste estudo colocam, em suas falas, a importância e a necessidade de ter um emprego para obter a remuneração, que significa a dependência desses indivíduos à estrutura maçante e viciosa que é o capitalismo e, sendo assim, eles entendem a submissão e a aceitação de condições adversas por visualizarem o poder na mão dos “chefes” ou “patrões”, muitas vezes chegando a não realizar mais o discernimento entre o que seria uma condição de trabalho justa ou injusta.

Normal, a gente já tá acostumado. E a gente já faz isso a 6 anos, sai de casa, lá na nossa cidade não tem, é... não tem canteiro de obra aí a gente trabalha na obra e tem que sair pra procurar, é... todo lugar que tiver a gente tá procurando, pra não deixar família né... necessidades... e a gente realizando as nossas tarefas a gente se sente bem, se sente ótimo, é... aprendi a gostar da profissão e tá tudo bem (risos). (Sr. R.S.C.)

A gente vem em tempo de arrumar um dinheiro pra gente sobreviver ne. O menino arrumou um serviço pra mim, eu vim pra cá. (Sr. S. S. B.)

A necessidade pra trabalhar pra sustentar meus filho , né? Porque lá é difícil trabalho assim, em construção civil, né? tem que sair fora mesmo, que a cidade é pequena não tem meio de vida pra gente trabalhar, né? tem que sair fora. Trabalhando na agricultura não dá, né? que ganha muito pouco, não dá pra sustentar meus seis filhos. (Sr. S. F. S.)

Me senti bem, porque eu vim trabalhar pra... porque lá não tem serviço suficiente pra gente sobreviver, aí tem que sair do lugar da gente pra conseguir alguma coisa. Só sai porque precisa,, né? E precisa pra sobreviver, mas não é fácil sair do lugar da terra da família da gente não. (Sr. J.B.)

Percebe-se, nas falas acima, a relação da situação do emprego atual como realidade aceita, ou como única alternativa de sair da condição que a cidade natal impõe (desemprego, baixos salários e trabalho rural), para uma tentativa de suprir as necessidades familiares de maneira mais satisfatória, mesmo que para isso, existam uma série de consequências implícitas dentre elas a descaracterização relacional e da identidade como ser humano, a qual foram construídas ao longo da vida em sua cidade antes de obter o atual emprego; como fica claro neste fragmento “(...) mas não é fácil sair do lugar da terra da família da gente não”.

Diante do fato da ideia de “terra” e de “família” estarem diretamente associadas às memórias afetivas vivenciadas com um grupo ou em um determinado lugar, pode-se remeter às noções primárias de memória e de identidade social, advindas de Pollak (1992), que nos apresentam os três elementos essenciais na identidade.

Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podem-se observar fenômenos patológicos. (POLLAK, 1992).

4.1.2.1 A Precariedade do vínculo empregatício e a duração da força de trabalho

Esta subcategoria se dá devido à necessidade de refletir sobre as informações provenientes do questionário sociodemográfico, o qual possui em um de seus questionamentos, o tipo de vínculo que estes trabalhadores possuem com o contratante. Mesmo que a questão do vínculo empregatício não tenha sido contemplada nas entrevistas gravadas, e mesmo que os trabalhadores não tenham verbalizado sobre esta questão, a constatação de que apenas um (1) indivíduos possuem carteira de trabalho assinada, demanda uma discursão relevante, quando levada em consideração a saúde desses operários.

Desta forma, obteve-se o dado que comprova o fato de que a grande maioria desses sujeitos não possuem vínculo empregatício formalizado (94,11%) e, com isso, também são excluídos dos benefícios trabalhistas a que têm direito. Os superiores da empresa contratada também fornecem, a esses trabalhadores, a promessa de realizar o vínculo, que não possui previsão de tempo para acontecer, como verbalizado na fala de um indivíduo “(...) tem que vim pra construção civil que ganha mais um pouco. Aqui não tem carteira assinada não, tem promessa de assinar, né? (Sr. S. F. S.)”.

Ligadas a este dado, as respostas dos trabalhadores encontradas no questionário sóciodemográfico que focam na questão da satisfação com o emprego mostram o quanto os trabalhadores citam estarem de “satisfeitos” à “muito satisfeitos” com a situação de trabalho atual (apenas um indivíduo encontra-se insatisfeito), porém, as falas deles quanto aos motivos que os levaram a migrar deixam implícito o quanto a falta de oportunidade na cidade de onde estes advêm, que os levam a migrarem para locais mais férteis com relação ao mundo de trabalho, para realizar o sustento da família.

Eu acho que vantagem não tem nenhum não porque a gente trabalha porque precisa mesmo, mas vantagem não tem não. (Sr. J. J. P. S.)

A vantagem é que eu venho trabalhar, né?. E desvantagem nenhum, tem não. (Sr. F. R. S.)

Antunes (2013), cita as longas jornadas de trabalho e os empregos desestruturados aos quais os migrantes submetem-se, devido à valorização do capital, destroçando o que este chama de “corpo produtivo”, pelas engrenagens do capital, constituindo grupos que por fugirem do desemprego, aceitam propostas precárias que se concretizam em sofrimento psíquico, físico, e social, para o indivíduo.

Devido ao aumento da competitividade e da produtividade no mundo do trabalho, estas, aproveitando-se do momento em que estamos vivenciando o pleno capitalismo em sua mais avançada forma, realizam discursos que têm como proposta a precarização do trabalho e

dos vínculos empregatícios, como única solução para conseguir abarcar o mercado e obterem sucesso dispersão de produtos.

Diante disso, o que se observa como algo cada vez mais rotineiro é a precarização dos vínculos como regra, e não como solução do mercado, impondo aos trabalhadores tais situações como realidade única que termina sendo satisfatória quando comparada aos altos níveis de desempregos e limitação econômica.

Constatando que o público alvo está, em sua totalidade, desprovido de vínculos e formalidades empregatícias, obteve-se, como resultado, um trabalho considerado como precário, que burla o direito desses trabalhadores.

Antunes (2013) define a informalidade como quando existe ruptura com os laços formais de contratação e regulação da força de trabalho ao acrescentar que a informalidade é a porta de entrada para a condição de maior precariedade, visto que, em sua vigência, ocorrem formas de trabalho frequentemente desprovidos ou burlados em seus direitos.

Além da inexistência dos vínculos empregatícios e da presente precarização neste trabalho, os indivíduos entrevistados neste estudo, são imigrantes, um grupo que particularmente já encontra-se em vulnerabilidade, passando por uma série de preconceitos e desvantagens, típicos de indivíduos que vêm em busca de trabalho e despertam interesse nos donos das empresas, simplesmente pela necessidade que este grupo geralmente tenta conseguir um emprego, e pelas condições que estão dispostos a submeter-se para que seja dada esta oportunidade.

De acordo com Antunes (2013), o trabalho migratório é “um laboratório da precarização estrutural do trabalho em escala global, degradação ceivada de elementos pautados pela objetividade, mas com repercussões na subjetividade”. Para ilustrar a dificuldade dos migrantes em estabelecerem vínculos apropriados com os locais onde trabalham, e além disso, dificuldades de articulação com outras culturas e até mesmo o preconceito e o medo dos nativos de perderem lugar no mercado atual; utiliza-se o manifesto dos “Precári@s inflexíveis”, um movimento de trabalhadores precarizados advindo de Portugal:

Somos precári@s no emprego e na vida. Trabalhamos sem contrato ou com contratos a prazos muito curtos. Trabalho temporário, incerto e sem garantias. Somos operadores de call-center, estagiários, desempregados, trabalhadores a recibos verdes, imigrantes, intermitentes, estudantes-trabalhadores... Não entramos nas estatísticas. Apesar de sermos cada vez mais e mais precários, os governos escondem este mundo. Vivemos de biscates e trabalhos temporários. Dificilmente podemos pagar uma renda de casa. Não temos férias, não podemos engravidar nem ficar doentes. Direito à greve, nem por sombras. Flexisegurança? O “flexi” é para nós. A “segurança” é só para os patrões. Esta “modernização” mentirosa é pensada e feita de mãos dadas entre empresários e Governo.

Estamos na sombra, mas não calados. Não deixaremos de lutar ao lado de quem trabalha em Portugal ou longe daqui por direitos fundamentais. Essa luta não é só de números, entre sindicatos e governos. É a luta de trabalhadores e pessoas como nós. Coisas que os “números” ignorarão sempre. Nós não cabemos nesses números. Não deixaremos esquecer as condições a que nos remetem. E com a mesma força com que nos atacam os patrões, respondemos e reinventamos a luta. Afinal, somos muito mais do que eles. Precári@s, sim, mas inflexíveis”. (MANIFESTO DOS TRABALHADORES – MOVIMENTO PRECÁRI@S INFLÉXIVEIS, 2008 apud ANTUNES, 2013)

Os movimentos sociais de “trabalhadores precários” em países desenvolvidos, ultimamente vem sendo utilizado para mobilizar a população e obter os direitos cabíveis a esses grupos, porém, no caso do presente estudo, percebe-se, nas falas dos trabalhadores, a impotência diante dos fatos e a extrema necessidade de permanecer no trabalho atual devido à dificuldade de remuneração que enfrentavam com os empregos anteriores.

Este fato faz perceber que o grupo analisado vive em situação de vulnerabilidade e que está disposto a sobreviver sob a condição precária de trabalho, a ter de vivenciar uma situação de fome ou de ausência das necessidades básicas do ser humano, que podem chegar a enfrentar por falta de uma remuneração que consideram digna para o sustento da família de cada um deles.

[...] a vantagem é que aqui eu ganho mais do que lá, inclusive sou até concursado. Eu sou concursado lá no interior. Mas como lá é salário aí eu pedi licença de dois anos. (Sr. J.A.).

Os trabalhadores terminam cedendo às perdas dos direitos trabalhistas e previdenciários, bem como aos mecanismos de proteção e de fiscalização em relação à saúde, expondo-se mais aos riscos de adoecimento e acidente de trabalho. A perda do poder de barganha de quem procura emprego leva os trabalhadores a ter que escolher entre um mau trabalho ou trabalho nenhum. (JARDIM; LANCMAN, 2009).

4.1.3 Satisfação no trabalho e na moradia *versus* a necessidade de estar empregado

Para obter os dados que dizem respeito à satisfação dos trabalhadores com a profissão analisada neste estudo, relacionou-se a pergunta do questionário sociodemográfico “Como você se considera com relação a sua satisfação no trabalho? ”, com a pergunta da entrevista semiestruturada que questiona quais as vantagens existentes em morar no alojamento que a empresa fornece.

Este questionamento foi relacionado por se saber que o trabalhador migrante apenas pode realizar este trabalho se morar no alojamento, então interligou-se o fato da migração como consequência deste trabalho, e isso permite que seja ela analisada também como um fator na hora de levar em consideração a satisfação nesse emprego.

Antes de expor os trechos das falas dos trabalhadores, que deram origem a esta categoria temática, precisamos analisar alguns conceitos referentes à satisfação no trabalho, por entender que se trata de uma questão complexa e de ponto de vista variada, trabalhada por diversos pesquisadores.

Locke (1976) definiu satisfação como “um estado emocional agradável ou positivo, que resulta de algum trabalho ou de experiências no trabalho”, definição que tem, ainda hoje, o impacto mais importante para o conceito. Martins (1984 apud Martins *et al.*, 2006), baseada na definição de Locke, afirmava que o homem usa de sua bagagem individual de crenças e valores para avaliar seu trabalho e essa avaliação resulta num estado emocional que, se for agradável, produz satisfação e, se for desagradável, leva à insatisfação. Portanto, satisfação no trabalho é uma variável de natureza afetiva e se constitui num processo mental de avaliação das experiências no trabalho que resulta num estado agradável ou desagradável. (LOCKE, 1976; MARTINS, 1984 apud MARTINS *et al.*, 2006).

Os sujeitos que participaram da entrevista não citam, muitas vezes, desvantagem alguma em vivenciar a moradia naquele alojamento, e 94,11% dos participantes, estão satisfeitos ou muito satisfeitos com o trabalho que executam na construção civil. Alguns desses indivíduos que não citam desvantagens no processo de trabalho ou na vivência no alojamento classificam a relação com os colegas de trabalho e com os vizinhos como sendo satisfatória; ou seja, para esses homens, os aspectos relacionais dentro do trabalho são tão positivos, que se sobressaem diante de problemas que poderiam deixá-los insatisfeitos com o emprego.

Olha, todo mundo satisfeito, não tem problema, os vizinhos são bons, não tem nem uma ‘malquerência’ nem com a gente com os vizinhos nem os vizinhos com a gente, pelo contrário, eles dão apoio a nós. São todos ótimos (Sr. J. A. A. S.).

Pra mim é tudo bom porque a turma é tudo legal, se comunica bem um com o outro, se dá muito bem aí pra mim é bom. [...] (entrevistadora pergunta: e desvantagem não tem nenhuma?) Não, não [...] (Sr. I.G.S.).

Bom, né? pra mim é bom , né? Porque tem gente que acha ruim, né? mas eu acho bom aqui na obra, é mermo que tá em casa com os meninos aqui (Sr. R. F. S.).

A gente é brincando, né? tudo contente, não tem arenga não tem nada, confusão nenhuma, só alegria mesmo e pronto (Sr. R. F. S.).

Existiram, também, os indivíduos que se colocam satisfeitos com o trabalho, porém, necessitam citar a importância da remuneração que recebem, baseado nas experiências anteriores com salários muito baixos que, quando comparados aos que percebem na nova oportunidade de emprego, concluem que recebiam salários imensamente piores nas antigas atividades; este significa, por fim, um dos fatores que os fazem alcançar a satisfação nos dias atuais.

Estes sujeitos também deixam muitas vezes implícito ou explícito que, devido a esta remuneração, eles não possuem o direito de citar as desvantagens que podem ocorrer devido ao fato de morarem em um alojamento, segregando continuamente a satisfação com o trabalho.

A vantagem que tem é que a gente tá ganhando o dinheiro da gente, né? que interessa a gente [...]mas, tem a vantagem da gente que é o dinheiro, né? só (Sr. S. S. B.).

A vantagem é o trabalho, o trabalho que a gente ganha mais um pouco. A gente só fica por aqui por causa disso, porque tem uma vantagem, ganha mais do que na agricultura né, quem trabalha na agricultura ganha pouco demais, aí tem que vim pra construção civil que ganha mais um pouco (Sr. S. F. S.).

Outro aspecto importante de se analisar é a moradia propriamente dita. A insatisfação com aspectos ligados à casa desses operários comparados ao cotidiano no alojamento que são levados a vivenciar, fazem com que estes terminem relembando costumes provenientes a sua residência e concluindo pontos negativos especificamente em residir no alojamento, porém, mais uma vez o fato de a remuneração ser agradável para estes trabalhadores se sobrepõe nas falas destes, e mostra compensar todos os pontos negativos.

É bom que a gente conheceu mais gente, mais amizade, é só o que tem de bom. Desvantagem... é sujo. Sim, pronto, a dormida, tem (Sr. J. S. S.).

A desvantagem é que a gente trabalha né... Sai do serviço ainda vai cuidar em comer, né? lavar uma roupa, né? As vezes a dormida não é igual em casa, né? dorme mal dormido, e a desvantagem é essa. A vantagem é o trabalho, o trabalho que a gente ganha mais um pouco (Sr. S. F. S.).

É ruim por uma parte porque em casa é outra coisa, né? Mais diferente, né? Aqui a gente dorme de todo jeito, coloca um colchonete no chão e dorme (Sr. I. A. S.).

Pra mim aqui não tem nada ruim mesmo não. É bom, pra dormir é bom... não tem cama, né? mas tem colchão dá pra pessoa quebrar o galho enquanto não aparece as camas (Sr. A. G. S.).

A desvantagem do alojamento, é porque a sua casa é uma forma... você tem um... por exemplo, vou falar da minha casa. Na minha casa eu não coloco nada é porque

no alojamento é cada um por si, né? no alojamento a gente que faz a comida e na minha casa é minha esposa que faz a comida e põe no prato (Sr. J. J. S.).

Na análise dos fatores quanto à satisfação do trabalho, de uma maneira geral conclui-se que o fato de a maioria dos trabalhadores se declararem como “satisfeitos” na questão do índice de satisfação com o trabalho colocada no questionário sociodemográfico é contraditório. Isto se deve ao fato de que, quando essas respostas são interligadas com as desvantagens/problemas com os quais eles deparam-se no dia-a-dia para que seja possível vivenciar o atual emprego, percebe-se que os trabalhadores possuem o desejo de ficar próximo a sua família, e de vivenciarem o cotidiano de uma forma geral, em sua cidade natal.

Porém, todas essas desvantagens se explicam através da comparação que eles fazem frequentemente, do salário do trabalho anterior com o salário atual, e das oportunidades de emprego no interior e na capital, já que o atual se constitui em um valor mais propenso à sobrevivência da família desses operários como, por exemplo, no caso destes trabalhadores: “Saí porque lá em pilar é... é difícil de emprego, né? Em João Pessoa as coisas é outras coisas. Meus colega arrumou pra mim, aí eu vim trabalhar.” (Sr. I. A. S.).

Foi um colega meu que mandou eu vim trabalhar aqui com o irmão, quando cheguei aqui achei uma pessoa boa de trabalhar, fiquei trabalhando com ele. Não tenho o que dizer dele não, mestre bom. Família manda vim trabalhar eu venho também pra sobreviver, né? porque se a gente não trabalhar ela não come... né isso? (Sr. C. A. G. S.)

Desta forma, pode-se concluir que a satisfação desses sujeitos está diretamente ligada com a oportunidade de receber o salário da construção civil e de uma forma menor também está ligado ao relacionamento pessoal com os colegas de trabalho que é satisfatório.

A satisfação no caso dessa população com base nos dados colhidos, em nada se relaciona com fatores citados por autores como Wernimont (1972); Locke (1976), pois esses indivíduos, em momento nenhum, citam suas condições de satisfação pessoal com o emprego; estado emocional agradável; boas condições de trabalho e nem mesmo políticas satisfatórias da empresa. O que esses trabalhadores reforçam, como ápice satisfatório, é apenas o quanto o salário um pouco maior é fundamental para que ele e seus dependentes financeiros vivenciem uma vida estável, ou seja, existe a necessidade de se sentir satisfeito, e não a satisfação intrínseca dotada de fatores pessoais positivos. (WERNIMONT, 1972; LOCKE, 1976).

Essa busca durante toda a vida adulta, por um trabalho que apesar das condições defasadas e negativas propiciam a sobrevivência do indivíduo, mostra a transformação do homem atual que surgiu de atividades criativas, que possuíam significado ou que pelo menos

ainda o deixasse próximo das suas relações sociais e culturais, para o homem que realiza os processos migratórios e abdica das suas vontades e desejos próprios, um ser que passa de “produtivo”, a reprodutivo de padrões prescritos por classes sociais mais bem dotadas financeiramente ou empresas dominantes.

4.1.3.1 As desvantagens: existência do medo, implícito nos fragmentos

A necessidade de uma subcategoria que descreve sobre o medo dos indivíduos em expor uma possível insatisfação com o trabalho atual, se dá devido à manifestação de oscilações quanto à satisfação, ou até mesmo contradições quando eles depõem que estão completamente satisfeitos, mas colocam as desvantagens do trabalho logo a seguir. A dificuldade em delinear as vantagens e as desvantagens poderia ser interpretada como satisfação? Ou pode-se refletir tal contradição como um conflito e dificuldade do trabalhador em diferenciar os pontos positivos dos pontos negativos?

Pra mim aqui não tem nada ruim mesmo não. É bom, pra dormir é bom... não tem cama, né? mas tem colchão dá pra pessoa quebrar o galho enquanto não aparece as camas. Uma das melhores coisas... que eu tenho pra falar é esse trabalho mesmo que eu trabalho... profissão de pedreiro (Sr. C. A. G. S.).

Ao iniciar a coleta de dados no canteiro de obras, foram explicadas as questões sobre o anonimato dos indivíduos em qualquer publicação a partir desta pesquisa, e também com relação ao contratante, pois não é intenção do estudo mencionar e nomear especificamente as falas dos trabalhadores, e sim entender quais riscos essa concepção de moradia pode causar à saúde, bem como quais as consequências o trabalho atual pode estar implicando.

Entretanto, mesmo com as cabíveis orientações sobre o anonimato aos operários, identificou-se que, entre esses sujeitos, havia aqueles que se sentiam inseguros para falar sobre questões de satisfação, o que faz perceber a dimensão da necessidade de permanência no emprego e o medo implícito na não manifestação de suas insatisfações. Esta identificação vem através da percepção das pausas entre as falas desses indivíduos, expressões faciais negativas ao falarem sobre pontos positivos, e até mesmo o exemplo do fragmento abaixo, que deixa clara a impossibilidade de manifestação de qualquer aspecto negativo do trabalho.

Eu acho que vantagem não tem nenhum não porque a gente trabalha porque precisa mesmo, mas vantagem não tem não, e desvantagem também não existe não. É aquela coisa, né? se a gente dizer que tá ruim não pode dizer, porque a gente precisa

e tem que trabalhar, né? e se dizer que tem desvantagem também não existe não, é aquela coisa, a gente fica na balança (Sr. J. J. P. S.).

Sendo assim, deve-se levar em consideração, quanto às falas sobre as vantagens e nas respostas sobre a satisfação no trabalho, o medo implícito na opinião desses trabalhadores, entendendo e interpretando os fatos de forma a não obter informações mascaradas. Esta consideração, que leva em conta a existência da insatisfação no trabalho mesmo com a resposta contrária dos trabalhadores, se aproxima da realidade à medida em que existe a junção das observações do pesquisador; das respostas dos indivíduos às entrevistas; do perfil do grupo entrevistado; e aos fatores típicos, relacionados à profissão estudada.

4.1.4 “Saudade lá de casa” e “saudade da minha casa”: trajetos e sentimentos

“Era tanta saudade, é pra matar
Eu fiquei até doente,
eu fiquei até doente menina
Se eu não mato a saudade, é deixa estar
Saudade mata a gente,
saudade mata a gente menina (...)

(...) Aí eu encarei de frente, menina
Se eu ficar na saudade, é deixa estar
Saudade engole a gente, sau...dade
engole agente menina.”

Tanta Saudade (Chico Buarque)

Quando foi elaborada a pergunta “Existe alguma diferença na sua relação familiar antes e depois do início da sua moradia neste alojamento? ”, a ideia inicial era perscrutar se, a partir desse questionamento, seria possível colher os fragmentos ligados à saudade dos trabalhadores relacionada a diversos aspectos, devido ao processo de migração e a vivência durante a semana no alojamento próximo ao canteiro de obras. Porém, a partir das entrevistas, percebeu-se que a expressão da saudade não existiu apenas nessa parte do roteiro, esse sentimento foi colocado pelos trabalhadores em diversas partes da entrevista e, sendo assim, achou-se por bem criar esta categoria ao utilizar-se de todos os fragmentos sobre saudade

encontrados nas falas dos operários, por perceber que todos os trechos são relevantes ao ponto de fazer crer que é, a saudade, uma constante na vida desses indivíduos.

Os movimentos migratórios, os deslocamentos a que são submetidos os sujeitos neste mundo, o ato de deixar a terra, a casa, o lar, nas formas em que se veio falando e em outras que possam suceder, implicam na perda da origem, como também fazem pensar sobre este sentimento de pertencimento ou, em outras palavras, sobre o lugar em que se sente em casa. Ou seja, falar dos (i)migrantes e refugiados é, ao mesmo tempo, falar da identidade, seu vínculo com a terra, ou o sentimento de pertencimento e onde ele se forja. (CHUEIRI; CÂMARA, 2010).

A saudade pode ser identificada, no contexto da migração, como a ausência do contato com a terra natal, com tudo o que dela provém, e também como sendo a falta dos vínculos familiares, dos amigos, e da rede social de uma maneira geral. Esses dois aspectos são fundamentais para a construção da identidade do homem que, mesmo distante da realidade com a qual se identifica, não consegue abandonar suas raízes, ou o sentimento de pertencimento ao local de origem, o que muitas vezes pode constituir-se como um agente causador de consequências negativas para a saúde, quando o contato com essa identidade é mitigado devido à necessidade de migração.

No grupo analisado neste trabalho, quando questionado se existiu mudança nos aspectos relacionais com a família dos trabalhadores antes e após o trabalho atual, várias das respostas nos mostraram que esse vínculo em nada foi alterado, porém, esse tipo de resposta vem seguido de um discurso saudoso, ou que representa a dificuldade de viver desta forma, entretanto, os laços e o sentimento de pertencimento não sofreram drásticas mudanças, de acordo com o que foi dito pelos entrevistados.

Algumas respostas monossilábicas como por exemplo “Não. Nenhuma”, “Continua a mesma coisa”, “Não, não. Continua tudo do mesmo jeito”, “Continua do mesmo jeito, o mesmo contato” que são referentes às mudanças na relação familiar, demonstram que esses trabalhadores, apesar de poderem estar inclusos no grupo dos que sentem falta diariamente da terra natal e do contato mais estreito com a família, não compreendem como tendo sofrido grandes alterações no vínculo ou na relação com a família.

Este fato corrobora com o estudo de Bongianino (2012) sobre os cabo-verdianos e seu processo de migração para a Itália, segundo a qual, ainda que seja possível contornar a ausência física e estar perto, a distância não se dilui, tampouco perde a importância. Ela é vivida com dor, saudade e gera tensões, mas a sociedade cabo-verdiana lida com esses aspectos de tal forma que as relações emocionais e os vínculos afetivos não se rompem.

Assim como as coisas, as ideias e as pessoas continuam sendo cabo-verdianas independentemente da proximidade física; as mulheres mães podem estar perto e continuar sendo mães, seja quando mantêm sua proximidade física, seja quando mantêm sua proximidade a distância. Apesar de a distância física ser um elemento estrutural desse sistema social e desse sistema de parentesco, quando os cabo-verdianos migram e, especialmente, quando os filhos vivem em Cabo Verde enquanto os pais e as mães vivem na Itália, todos sentem que não estão perto fisicamente, por isso, todos sofrem com saudades, preocupações e riscos.

Não, não, não. Nunca tive essa diferença não. É a mesma coisa, trabalhando em casa, fora, são a mesma coisa. A saudade é a cada dia, né? a saudade é. Cada dia que você passa fora de casa você vai ter uma saudade é. Eu acredito que pessoas que não tem saudade é pessoas que não tem coração, o sentimento na verdade né (Sr. J. J. S.).

Assim como afirmam os estudos clássicos de parentesco desenvolvidos no continente africano, a proximidade física não é um pressuposto para a existência de vínculos de parentesco fortes e duradouros, e a ênfase nas obrigações materiais permite manter as relações mesmo durante ausências mediada pela mobilidade (...). (BONGIANINO, 2012).

A saudade, mesmo que componente presente na rotina dos operários, nem sempre é um fator que chega a atrapalhar a relação com a família que se encontra em outra cidade, pois se a distância pode ser maléfica para as relações, a proximidade pode ser, do mesmo modo, um componente destruidor dos laços, e ambas as situações podem acarretar em vínculos enfraquecidos.

Como citam Chueiri e Câmara (2010), a palavra portuguesa “saudade” é intraduzível, porém, devido ao significado arbitrário na tradução inglesa, a palavra saudade ou *homesickness* que literalmente significa “doença (da falta) da casa” pode significar não apenas que se está com o desejo de se retornar à casa, mas também poderia significar que alguém está doente de estar em casa. A saudade é, nesse caso, mais um sacrifício imposto a esses trabalhadores que se lançam na busca por sobrevivência e por melhores condições de vida para seus dependentes, não implicando grandes alterações aos vínculos construídos.

Outra perspectiva com relação à saudade, é a que analisa os trechos encontrados, onde os indivíduos descrevem sobre a falta da proximidade com a família, com amigos, e até mesmo com a comunidade religiosa que frequentam, deixando explícito que isso se constitui como uma desvantagem no trabalho, porém, este fato se constitui como corriqueiro e/ou até

mesmo a pior parte de se trabalhar e ter de se recolher, ao final da labuta diária, em alojamentos.

Fica mais distante, né? mas é o jeito, né? a gente tem que fazer isso, se não fizer vai fazer dentro de casa o que? Sem trabalho a pessoa não sobrevive. Se a pessoa não sair pra trabalhar passa fome, que nem você bem vê. Eu sou uma pessoa que graças a deus, deus me deu disposição pra trabalhar pra não botar a mão no que é dos outros (Sr. C. A. G. S.).

As coisas boas é que a gente consegue o que a gente quer e a ruim é porque tá longe da família. Só essas duas mesmo, que eu acho (Sr. J. B.).

Foi bem , né? Agora sente muita falta da família e principalmente da igreja (Sr. I. G. S.).

Não, nenhuma, tudo tranquilo. (pesquisadora: sente saudade da sua mãe?) Um pouco né, que eu vim agora, pra se acostumar demora um pouco (Sr. J. A. S.)

Inicialmente, segundo Heller (1999), ser ou estar em casa tem a ver com o reconhecimento, pois quem sai e volta, reconhece aquilo que é familiar e se reconhece. Por isso, a ausência de uma casa ou a pluralidade de casas provoca um desencontro consigo mesmo e com a sua história. Se todos nós precisamos nos reconhecer não só em uma história pessoal, mas também na história de “nosso povo”, como ter uma identidade quando não se tem um lugar no mundo? (HELLER, 1999 apud CHUEIRI *et al.*, 2011).

A noção de pertencimento que o indivíduo possui acerca da terra onde mantém suas raízes é importante para a construção da identidade e subjetividade desse sujeito. Quando os operários passam a colocar a saudade como componente presente no dia-a-dia do trabalho, realçam a influência que ela tem em sua vivência e a dificuldade em se adaptar a morar distante daqueles que compõem sua identidade. Esse contexto justifica, muitas vezes, a formação de “guetos” por parte dessa população, cujos integrantes se relacionam entre si pela facilidade de reconhecimento de uns aos outros, identificando-se nos colegas através da dificuldade de adaptação à cidade do trabalho

Nos fragmentos a seguir, por exemplo, é discriminada a dificuldade de identificação com o território para o qual o trabalhador migra.

Vou pra casa (errou a palavra) vou pro alojamento (pesquisadora: que o senhor não chama de casa, né? que o senhor não considera casa?) Não considero casa o alojamento né... (Sr. S. F. S.).

Não, é normal, é igual em casa. Não é igual por conta da convivência sem as pessoas de casa , né? Porque no alojamento você tá com os colegas, com os amigos, ou que

seja parente. E em casa você tá com a esposa e com os filhos, já muda um pouco, né? (Sr. J. J. S.).

(...) alojamento é cada um por si, né? no alojamento a gente que faz a comida e na minha casa é minha esposa que faz a comida e põe no prato, e a gente faz e põe no prato da gente, aí já é uma diferença, né? Eu mesmo eu na minha casa eu não coloco a comida no prato, é minha esposa quem coloca, no alojamento eu que tenho que colocar (Sr. J. J. S.).

A partir das representações de saudade citadas anteriormente, pode-se realçar, ainda, o trecho das entrevistas onde alguns sujeitos discursam sobre a impossibilidade de acompanhar o desenrolar das relações familiares, das situações que podem estar sendo vividas, e até mesmo mais diretamente, do déficit de participação desses na rotina e no crescimento de seus filhos. Este ponto favorece o entendimento segundo o qual estes trabalhadores falam nostalgicamente da rotina que acontece em sua casa, detalham os momentos que lhe são privados pela ausência devido ao trabalho.

A teoria psicanalítica sempre procurou compreender a depressão como um processo relacionado com a perda de um “objeto” (ou melhor, de uma certa forma de relação com um objeto). Esta ideia é claramente indicada por Freud (1917; 1979 apud CANHA, 2009), e está na base da aproximação que faz entre luto e “melancolia”.

A melancolia, hoje chamada de depressão, é a reação à perda do objeto amado, sendo que esse não precisa ter morrido, necessariamente, mas sim perdido o objeto amado, teoria segundo a qual se permite compreender a relação entre migração e depressão. Por vezes, esta perda pode ser notada, mesmo que não se saiba ao certo o que se perdeu. (FREUD, 1917; 1979; apud CANHA, 2009).

Ao ter “saudade lá de casa”, o trabalhador se identifica como nostálgico e reconhece a sensação de estar desvinculado da “terra do trabalho”, que somente funciona como sobrevivência e única maneira de obtenção de melhor situação de vida à família. Esses homens descaracterizam-se em prol de uma luta, e deixam para trás os prazeres que a terra natal oferece, a exemplo do significado, dos costumes, da cultura e da forma de vivenciar as suas atividades da maneira que a terra e as relações da terra a qual pertencem, poderiam lhe proporcionar.

Possuir “saudade da minha casa” se constitui em sentir falta do ambiente físico, dos objetos utilizados, e até mesmo da forma como é construído o olhar de um indivíduo para o “lar” ao longo do tempo, à medida em que ele se sente parte daquele local. Situações como essas conturbam a mente e forçam o indivíduo a um processo rápido de desvinculação para a qual, na maioria das vezes, nunca se está preparado.

Mesmo que a realidade de moradia do indivíduo possa ser considerada como precária, é nítida a resistência para ambientação e reconhecimento do alojamento como sua “nova” casa. Poderiam os indivíduos que negam a organização de objetos que constituem um lar, ou a interação com a população da cidade em que trabalham serem considerados parte pertencente a este novo contexto que o mercado de trabalho impõe?

Tem cama mas ninguém num armou não, é ruim demais de armar as camas. Tem muita gente que armou mas tem muitos que dormem no colchonete. Lá tem dois quarto, cada um quarto fica duas pessoas, três... fica no corredor (Sr. I. A. S.).

São bons, são bons. São uma turma boa de trabalhar. A gente conversa, fica brincando aí o tempo passa rápido. (pesquisadora: não sai, por aqui?) Não, só por aqui mesmo, brincar por aqui mesmo (Sr. J. B.).

Figura 04: Alojamento – Casa destinada aos trabalhadores, pela empresa contratante.



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

A ideia de realizar o distanciamento de um local naturalmente dotado de cultura e sentimentos, traz influências diretas na saúde do indivíduo a partir do momento em que ele é obrigado a vivenciar essas questões devido às mais diversas situações sociais e econômicas, que obrigam esses homens a deixarem todos os símbolos implícitos no processo identitário que construíram ao longo da vida, para tentar buscar a única oportunidade de viver um pouco melhor do ponto de vista financeiro.

A perda de um objeto específico pode ser comparada à perda de estatuto, de suporte social e de relações significativas, que poderá incluir o sentimento de luto. A sua resolução

pode ser influenciada por estilos de vinculação, existência de suporte social, ganho ou perda do estatuto social e outros fatores. (BHUGRA, 2004; apud CANHA, 2009).

O adoecimento e baixa-estima dos trabalhadores quando vivenciam a distância que afeta a capacidade de adaptação com a nova moradia, podem estar presentes na vida desses sujeitos. Percebe-se, então, o quanto esse processo é danoso à saúde emocional desse público, posto que pode gerar consequentes processos patológicos provenientes da melancolia.

Tem um pouco, né? a gente fica distante da família, só se comunica através de telefone ai as vezes 3 vezes por dia, ai realmente existe uma diferençazinha, né? tem que ter, tem que existir (Sr. J. J. P. S.).

É as crianças, né? pede muito pra eu não sair , né? Um casalzinho de gêmeos que eu tenho em casa (risos saudosos) fica ‘painho, venha, venha’ né... ‘trabalhe por aqui mermo’ longe de casa, né? passa sempre o dia fora... eles, apegado a mim então... O casalzinho tem 8 anos, uma tem 14 e outra 16 (Sr. S. F. S.).

Relação familiar, a gente sente muito a falta, né? porque a gente tá muito apegado aos filhos e não vê muito crescer porque só chega no fim de semana e rapidamente volta e quando vê eles já tão grandinho vão crescendo e a gente não, não sabe nada da vida deles, não pode se... a gente não tem como proteger, a gente quer proteger mais, quer dar mais atenção e não pode, só a distância que atrapalha. (...) e a desvantagem é isso que eu falei que a gente não pode tá junto, que a gente pode tá, a gente tem vontade de realizar outras coisas e não pode por conta da distância, as desvantagens são essas (Sr. R. S. C.).

Arredondo-Dowd (1981) estudou os processos de luto independentemente do tipo de perda, separando-os em fases. Na primeira delas, os imigrantes não conseguem compreender que realmente partiram e que não irão ver sítios e caras familiares, levando a sentimentos de alienação que, por sua vez, é aumentado pelo estrangeirismo do novo ambiente. Esta mudança os leva a assumir um estatuto minoritário numa cultura majoritária, pois os faz sentirem-se deslocados. Essas reações podem progredir para sentimentos de dor, desespero e desorganização (...) As saudades de casa se instalam, e o sujeito experimenta uma perda emocional.

À luz do olhar da psicanálise e das noções de luto, independentemente da perda, os trabalhadores desta pesquisa se encontram em situação de riscos emocionais e psíquicos, posto que estão expostos aos sintomas relacionados à depressão e angústia, devido ao trabalho impor a rotina distante de seus laços afetivos.

Esses trabalhadores, pertencentes de uma realidade tão dura e distanciada de tudo o que lhe prevê como homem dotado de uma bagagem com significado, terminam por manifestar o sofrimento de diversas formas, e não existe como padronizar um “formato” de saudade que generalize o tipo de sentimento que estas pessoas adquirem.

Alguns preferem o contato exacerbado, a tentativa de comunicação diária de todas as formas possíveis; outros, abstêm-se do papel de detentor de recursos econômicos e reduzem sua ligação familiar justificando tal postura ao afirmar que possuem um laço “inquebrável” com os seus familiares. Tem-se constatado, porém, que há silêncios e pausas nos depoimentos, de modo que as expressões advindas desses trabalhadores quando se aborda o tema saudade refletem o orgulho que sentem por terem escolhido esse caminho que, apesar de difícil, os enobrece como os provedores da vida das pessoas que são a causa maior que fazem justificar a perpetuação na angústia e na nostalgia.

4.1.5 Fragmentos vinculados ao cotidiano e às ocupações do “peão de obra”: (re)construindo a linearidade das ações no alojamento.

Com o objetivo de entender as ocupações ou atividades dos indivíduos durante o tempo em que permanecem alojados, foi elaborada a pergunta “Descreva seu dia-a-dia morando neste alojamento, desde a hora que acorda até a hora em que você vai dormir”, a partir da qual foi possível conhecer a constituição do cotidiano desses trabalhadores. Das respostas obtidas foi possível compreender o quanto de trabalho e de alienação poderiam estar contidos na rotina dessas pessoas.

As ocupações são centrais para a identidade e para o senso de competência do cliente (pessoa, organização ou população), e têm um significado particular e de valor para ele. Elas influenciam como os clientes gastam tempo tomando decisões. (CARLETO *et al.*, 2010).

As ocupações são objeto de estudo para a Terapia Ocupacional há muitos anos, porém, a definição deste termo sempre foi complexa e perpassa pela opinião de diversos autores, sendo ainda hoje tema de discussão com o objetivo de tentar se estabelecer um padrão. Neste estudo, optou-se por utilizar a definição de Law (1997 apud CARLETO *et al.*, 2010), uma das definições de ocupação ou atividades do cotidiano que está presente no documento “Estrutura da prática da terapia ocupacional: domínio e processo”:

[A]tividades... do cotidiano nomeadas, organizadas e cujos valor e significado são dados pelo indivíduos e uma cultura. Ocupação é tudo o que as pessoas fazem para se ocupar, incluindo cuidar de si mesmas... aproveitar a vida... e contribuir para a estrutura econômica e social de suas comunidades. (LAW. *et al.*, 1997 apud CARLETO *et al.*, 2010).

Levando em consideração este conceito, foi notável o papel principal que o trabalho ocupa no cotidiano dos trabalhadores, sendo interrompido apenas por atividades de

alimentação e/ou autocuidado que, conseqüentemente, acarreta escassez de atividades desses indivíduos que levam em conta o interesse pessoal deles.

Desde que acorda? É fazer o café de manhã, de 7h a gente vem trabalhar e por aí, não sei mais não, até a hora da gente largar mesmo, né? 5h. Quase dia todo trabalhando. Tem a pausa de 13h, né? larga de 12 pega de 1, às 5h. Quando termina a gente vai pro alojamento de novo tomar um banho, fazer um café e descansar uma coisinha (Sr. S. S. B.).

Acorda, toma café, vem trabalhar, e é isso (Sr. F. R. S.).

Só trabalho mesmo. Acordo, escovo dente, tomo café, e trabalho, o intervalo é meio dia pra almoçar e depois pega de 13h (J. B.).

Só o trabalho mesmo. Me acordo, aí a gente toma café e já vem pro trabalho já. Aaah, já volto já meio cansado (Sr. J. S. S.).

Quanto aos dados quantitativos obtidos através do questionário sociodemográfico adaptado, depreende-se que o público entrevistado trabalha em média 42h semanais, e utilizam 7,3h semanais para realizar outras atividades como as espirituais, de leitura, assistir à programação da televisão, ou estudar, porém, alguns desses sujeitos utilizam também esse tempo para realizar outros pequenos trabalhos de forma a aumentar a renda da família.

Considera-se que a instrumentalização do tempo é fundamental para a construção de um cotidiano favorável à obtenção da qualidade de vida. Não deve-se agregar apenas as atividades de trabalho, mas também outras áreas de ocupação, como principalmente as de descanso e sono, de participação social, e lazer, que são áreas nas quais se permite a desvinculação do estresse gerado pelo mundo do trabalho, e a manifestação dos aspectos pessoais do indivíduo, sendo utilizadas como promotoras de saúde.

No caso dos trabalhadores entrevistados, o resultado da investigação desse cotidiano se constituiu como desorganizado ou alienado apenas às atividades remuneradas, que são indicadores de malefícios aos seres humanos, podendo ser absorvido de diversas maneiras, como angústia ou frustração, que se constituem como promotores de sofrimento mental.

A gente se sente preso, na realidade a gente se sente preso. Porque é só... só pensa em trabalho, só pensa em conseguir as etapa do serviço e esses negócios e a gente não fala muito de outras coisas, só fala só de trabalho, trabalho, e não tem muito o que a gente... não tem outra situação não (Sr. R. S. C.).

Quando eu me acordo é 7h, aí só é tomar café e descer pro serviço, aí pra dormir é 22h, conversando mais os meninos. (...) porque aqui só tem essa igreja ali, a gente só vai só na quarta porque a gente muito cansado, aí só vai na quarta (Sr. R. F. S.).

Aqui eu faço um pouco de tudo. Começo logo cedo aí trabalhando, aí tem a folga meio dia, aí começa a trabalhar de novo, aí pronto, dá 4h aí conversa um pouquinho aí, toma banho e vai dormir todo mundo (Sr. A. P. S.).

Mesmo que o trabalho seja a área de ocupação que mais requer tempo do indivíduo adulto nos dias atuais, é fundamental a liberdade de escolha por atividades que signifiquem o resgate das peculiaridades do ser humano, ou como “desalienadora” dos processos de trabalho que muitas vezes são precários e regidos pelo capitalismo, o que acarreta, para essa população, danos à saúde ocupacional e mental.

O trabalho excessivo como sendo promotor de danos às atividades de alimentação ou autocuidado, é visível; destaque-se que tais atividades são realizadas de forma mecânica por estarem sempre subordinadas e por se reiterarem em torno da atividade central: o trabalho. Esses fatores irão se relacionar com a categoria 4.1.6. que encontrou as inferências referentes à prática das atividades de lazer desses operários nas entrevistas.

4.1.5.1 Retrato dos migrantes: a chegada na cidade grande e a relação com as oportunidades de crescimento pessoal

Os indivíduos que foram entrevistados correspondem a uma classe trabalhadora extremamente vulnerável devido à submissão ao trabalho informal e precarizado, como identificado anteriormente, mas também pela falta de oportunidade de qualificação dessas pessoas. Esta subcategoria não busca especificar as falas dos trabalhadores sobre o assunto, e sim incentivar essa discussão a partir do acesso à algumas informações que influenciam diretamente na profissão e na situação de trabalho da população entrevistada.

Através da análise dos dados quantitativos, depreendeu-se que 88,23% dos indivíduos possuem alguma escolaridade que varia entre ensino fundamental incompleto, até ensino médio completo. Também foi respondido – por sete (7) trabalhadores – que as atividades de leitura fazem parte do cotidiano durante os poucos espaços livres e fora da cidade de trabalho. Da mesma forma, alguns expressaram, durante as visitas realizadas para a coleta de dados, a vontade de continuar estudando para a obtenção de uma escolaridade de nível superior.

Quadro 01: Atividades desenvolvidas durante o tempo livre

Nome	Tempo Livre
Indivíduo 01	Ir para igreja
Indivíduo 02	Realiza tarefas domésticas
Indivíduo 03	Ler/Assistir tv/Atividade física
Indivíduo 04	Estuda
Indivíduo 05	Assistir tv/escuta música
Indivíduo 06	Realizar tarefas domésticas
Indivíduo 07	Ler/Assistir tv
Indivíduo 08	Agricultura/Jogar bola
Indivíduo 09	Vai para o sítio
Indivíduo 10	Ler/Ir para igreja
Indivíduo 11	Tarefa doméstica/Ler a biblia/assistir tv
Indivíduo 12	Assistir televisão/Atividade física
Indivíduo 13	Ir para igreja
Indivíduo 14	Ir para igreja
Indivíduo 15	Assistir tv
Indivíduo 16	Ler/Assistir tv
Indivíduo 17	Ler/assistir tv

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Interligados com este fato, a questão de o trabalho ser a atividade central desses operários quando estão alojados durante o período de migração pode ser levada em consideração que todo este tempo dedicado à atividade laboral (cerca de 42h semanais), contribui para que o desgaste físico e mental dos trabalhadores seja enorme e sirva como barreira para iniciar alguma tarefa intelectual ou que busque qualificação; tal contexto constitui-se como um entrave por se tratar de um ciclo vicioso pela alienação vivenciada no trabalho.

A partir daí, identificamos o trabalho como área de ocupação consumidora de todo o tempo dos indivíduos participantes dessa pesquisa, e por implicar desgaste físico devido a se constituir como trabalho braçal, gera um consequente cansaço, que impede que se possa crescer em outros aspectos, o que seria de fundamental importância para iniciar o processo de finalização de um trabalho precário, a partir do momento em que os “superiores” percebem a diferença entre um trabalhador qualificado ou não, e que também o próprio sujeito trabalhador passa a refletir e escolher mais incisivamente as suas condições de trabalho.

Não se pretende informar que atividades intelectuais ou de especialização são definidas como essenciais para que se faça um bom trabalho, independentemente de qual seja. Entende-se que, apesar da existência dessas atividades ou não, cada trabalhador possui habilidades e potencialidades que são suficientes para atender às obrigações relativas à atividade laboral.

Apesar disso, através dos dados sobre o trabalho informal, e sabendo que a força humana de trabalho é finita, sugere-se que, a par desses resultados, seja imposta uma menor carga horária de trabalho, fato que possibilitaria, a essas pessoas, lograr uma oportunidade de descobrir ou aprimorar novos saberes, que podem ser utilizados para alavancar o trabalhador nesta, ou em outra profissão futura.

Trabalhar informalmente e sem garantias, pode ser ainda mais devastador quando não existem grandes possibilidades de melhora ou de completa mudança de situação. As cargas de caráter exploratório as quais as empresas adotam galgadas no desumano modelo capitalista, tornam distantes as possíveis tentativas de reverter as relações de trabalho de uma população estigmatizada pela fácil aceitação à informalidade devido à ausência de qualificação.

Figura 05: Entrevista com trabalhador



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Sonhos e desejos de crescimento que são intrínsecos ao ser humano ocupacional transformam-se em discretas vontades despercebidas que contribuem apenas para o sentimento de vergonha, aceitação e estagnação por parte dessa população trabalhadora, que precisa conviver diariamente com um contexto social e ambiental que influi negativamente sobre a reflexão dessas questões.

O fato de “construir para o outro”, construir sonhos a serem vivenciados naquele ambiente por pessoas estranhas, e realizar um projeto na maioria das vezes distantes do que aquele trabalhador realmente poderá construir para a sua própria vida e a custo de tantas renúncias, de tantas desvinculações necessárias, são as raízes que podem dar origem a frutos equivalentes a um futuro empregatício incerto proposto por essas empresas, e a condições relacionadas à sobrecarga de trabalho que impedem a construção de novas oportunidades.

4.1.6 Significado do lazer: escolha por atividades que possibilitam prazer, ou realização de atividades que preenchem o tempo ocioso?

A quarta pergunta da entrevista semiestruturada trouxe contribuições dos trabalhadores sobre a maneira com que o lazer está sendo constituído no dia-a-dia dos moradores dos alojamentos. Os indivíduos explicitaram, em sua totalidade, nas suas respostas, a escassez de atividades que sejam consideradas lazer, visto que a televisão, a religião, e a conversa entre os colegas de trabalho foram as únicas formas de lazer relatadas por esse grupo de sujeitos.

Nos fragmentos referentes às falas dos trabalhadores, fica claro que eles percebem que quanto ao assunto “atividades de lazer”, não existe muito a se acrescentar, tornando então o discurso breve e limitado, que é visualizado por exemplo nas respostas dos sujeitos citados a seguir:

(...) O lazer que a gente tem é só a televisão mesmo, não pode se considerar lazer mas é o que a gente tem (Sr. J. J. P. S.).

(...) Lazer aqui? Tem não, nenhuma. Só assistir televisão mesmo, aí conversa, dorme (Sr. F. R. S.).

A gente senta ali só batendo uma palestra conversando pra deixar passar o tempo , né? Nada, tem nada pra se divertir não (Sr. J. S. S.).

Dá bem. Só faz conversar... quem gosta de assistir televisão assiste, que tem televisão... quem não gosta aí senta e vai só conversar (Sr. I.G.).

Percebe-se, então que, para esses indivíduos e no contexto dessa pesquisa, o lazer se constitui como a atividade que é exercida no tempo em que não estão trabalhando, podendo ser um componente importante para que eles não fiquem no ócio durante o tempo livre das tarefas, mas que não acontece, tornando o tempo dos trabalhadores resumido a ver televisão no alojamento, e a travar conversas que precedem a hora de dormir.

Para isso, deve-se entender alguns conceitos de lazer, e quais as consequências dessa conceituação, pois não existe uma única forma de se pensar sobre esta atividade, e sim, a

possibilidade de uma análise do lazer a partir da experiência do indivíduo, e do que ele atribui de significado para isto.

A importância de pensar a articulação entre os conceitos de ócio, tempo livre e lazer no contexto atual deve-se, principalmente,

[...] ao fato de o trabalho – que ocupou o lugar de atividade central na inserção social e constituir fator fundamental da produção subjetiva ao longo da sociedade moderna – ser questionado como atividade dominante. Essa referência de dominância está caracterizada, principalmente, por ser a atividade laboral o elemento que demarca a estruturação dos quadros temporais das sociedades Pós-Revolução Industrial, tal como afirma a sociologia do tempo e, de forma destacada, os teóricos contemporâneos dos tempos sociais. (PRONOVOST, 1996 apud AQUINO; MARTINS, 2007 p. 480).

A teoria dos tempos sociais procura explicar como o ser humano pode dividir o tempo em cada etapa da sociedade, e como isso muda de acordo com a aquisição de tecnologias, da “era da televisão” ou até mesmo do mundo capitalista, que torna o tempo um “mercantilizador”, e a sociedade, uma sociedade de consumo que não tem espaço para o “nada fazer” ou para atividades significativas pessoais, que seriam contempladas nos intervalos das atividades de trabalho e que serviriam para engrandecer o homem na sua identidade, criatividade, inteligência, entre outros fatores.

Ou seja, o tempo social e o tempo livre, dependem do contexto social, e de como o indivíduo entende-os cotidianamente.

O tempo livre deveria ser um tempo máximo de autocondicionamento e mínimo de heterocondicionamento, isto é, ser constituído por aquele aspecto do tempo social, em que o homem conduz com menor ou maior grau de nitidez a sua vida pessoal e social. No entanto, neste tempo que poderia ser um tempo voltado para o ócio mais verdadeiro, o consumismo termina por deteriorá-lo, mercantilizá-lo, coisificando-o e empobrecendo-o de significados. (AQUINO; MARTINS, 2007, p. 482).

Neste trabalho, o lazer será definido através da conceituação de “tempo livre” de Munné, segundo o qual se trata da quarta categoria dos quatro tipos fundamentais de tempo social. Segundo esse autor, o tempo livre se refere às ações humanas realizadas sem que ocorra uma necessidade externa. Neste caso, o sujeito atua com a percepção de fazer uso desse tempo com total liberdade e de maneira criativa, dependendo de sua consciência de valor sobre seu tempo. (MUNNÉ, 1980 apud AQUINO; MARTINS, 2007).

Os sujeitos entrevistados na pesquisa, ao resumirem o seu lazer/tempo livre a assistir a programação da televisão ou breves conversas antes da hora do descanso/sono, demonstram que não existem atividades de escape à alienação, o que leva o trabalhador a manter o foco na

televisão e preenche o tempo que poderia estar sendo utilizado para o desenvolvimento e crescimento em outras atividades pessoais, evolução profissional, ou prazer.

A alienação desses momentos livres leva este grupo de trabalhadores que já se constituem como vulneráveis, à maior estagnação e doação do tempo para as tarefas dedicadas ao trabalho atual, que favorece os donos das empresas e colabora para a precarização do trabalho desse público, que continua dependente.

Encontra-se na literatura que é preciso educar os sujeitos não só para perceber os meandros do trabalho, mas também para os mais diversos e possíveis ócios, significa ensinar como se evita a alienação que pode ser provocada pelo tempo vago, tão perigoso quanto a alienação derivada do trabalho. (DE MASI, 2000 apud AQUINO; MARTINS, 2007).

Devido ao fato de este grupo pertencer à categoria de migrantes, o seu lazer durante a semana em que passam trabalhando é diferente das possibilidades de lazer junto ao que logra com os amigos em sua terra natal. Sendo assim, através da diferença do tempo livre na cidade do trabalho e na cidade onde mantém sua verdadeira casa, percebe-se que o trabalho atual dessas pessoas, resulta em danos para o lazer deles, e consequentes danos para a vida e crescimento pessoal desses indivíduos.

(...) meu lazer é pegar meus filhos e tomar um banho no rio agora aqui não tem muito lazer não, não tem muito o que fazer aqui não (Sr. R.S.C.).

(...) Tem televisão pra assistir. Quando não tá trabalhando a gente tá em casa final de semana (Sr. C.A.G.S.).

Dessa forma, foi importante incluir as questões sobre o lazer como uma categoria nos resultados desse estudo, devido ao déficit de atividades significativas para os trabalhadores em sua totalidade. Todos os indivíduos da amostra expressaram insatisfação com o lazer durante os dias que permanecem no trabalho, ou pelo menos constatação de que não existe lazer nestes dias. Isso leva a concluir que, além da alienação no trabalho (já que eles explicitaram que realizam este trabalho devido à falta de oportunidades em suas próprias cidades), existe a alienação pessoal que ocorre no período que permanecem alojados.

Analisa-se tal contexto como uma consequência geradora de outra maior, pois esses indivíduos conhecem e reconhecem o lazer como atividade no tempo livre realizando tarefas prazerosas em sua terra natal, e sofrem durante a semana sendo privados de quaisquer dessas atividades que não seja a televisão, ou a conversa entre eles.

Pesquisadores como Mota e Esculcas (2005), em um estudo sobre o lazer na adolescência, definem a atividade “assistir à televisão” como uma “atividade com menor

humor positivo, sem desafio, que requeria o nível mais baixo de capacidades e providenciava menos quantidade de controle pessoal”, além disso, sabe-se que a programação da televisão é voltada para a sociedade de consumo, padrões sociais, e estereótipos.

Esses padrões não são acessíveis, na maioria das vezes, a populações vulneráveis como no caso deste estudo, o que pode causar angústia ao ser humano, devido à busca incessante pela representação desses padrões, um aspecto importante quando se estuda estresse ocupacional de trabalhadores que estão em sua totalidade citando a televisão como única forma de lazer nos intervalos do trabalho.

4.1.6.1 Crenças e valores, a religião como facilitadora da aceitação do estilo de vida atual

Diante da individualidade que apresenta o grupo estudado nesta pesquisa, percebe-se que 82,35% dos trabalhadores são devotos, e praticantes de sua religião, citando-a como importante na sua vida, como forma de conforto, e também como componente integrador do tempo livre, ou lazer.

Apesar da dificuldade em encontrar a utilização da religião como reguladora de bem-estar ou danos à saúde desse público específico, foram encontradas algumas referências que descrevem a prática religiosa neste sentido, de uma forma mais ampla, e serão, assim, abordadas essas duas perspectivas acerca dos benefícios e consequências negativas.

Através dessas informações, esta subcategoria foi constituída para classificar a espiritualidade não apenas como uma forma de lazer, mas sim como uma maneira de constituir subjetividade, suportar alguns sofrimentos presentes no dia-a-dia no trabalho, e até mesmo torná-los indivíduos mais conformados com a situação atual do emprego que permanecem atualmente.

(...) Meu lazer? Eu pego a Bíblia e vou pra o culto que tem uma igreja bem pertinho aqui aí peço muito a Deus, oro muito a Deus e sou muito grato por tudo que ele me dá, tudo que ele tá fazendo por mim (...) (Sr. R.S.C.).

A partir dos fragmentos analisados, pode-se entender a adesão à religião de dois modos. O primeiro, que observa a crença como meio importante para o aumento da “confiança em dias melhores”, a ideia de aceitação de uma realidade de forma menos dolorosa, e o aumento dos vínculos devido aos interesses em comum com pessoas de outras religiões, que se constituem em fatores positivos para o ser humano, principalmente aquele que se encontra em situação com maior chance de exposição ao sofrimento.

O segundo aspecto, é que a religião, devido à existência de regras, pode causar pensamentos que não são saudáveis, ou a autocrítica excessiva como a culpa, que levam os indivíduos a buscarem padrões que são aceitáveis em algumas comunidades religiosas e não estão ao seu alcance, trazendo, como consequência a angústia e a baixa autoestima.

Estudos sobre a relação entre religiosidade e qualidade de vida mostram que os indivíduos que possuem interação espiritual têm tendência a uma melhor qualidade de saúde e bem-estar psíquico.

Ferriss (2002) examinou a relação entre religião e qualidade de vida (QV) por meio de indicadores objetivos e subjetivos de QV. Encontrou a variável felicidade associada à frequência/presença em serviços religiosos, a preferências proselitistas e a preferências doutrinárias, bem como a certas crenças relacionadas à religião, como a crença de que o mundo é bom ou mau, mas não à crença na imortalidade.

Devido a este fato, e à constatação de outros autores sobre a menor exposição a riscos de saúde por parte da população religiosa, se constitui como uma vantagem no grupo estudado que, por ser quase integralmente de religiosos, ocupam o tempo lendo a bíblia ou indo à igreja. Apesar da contradição de outros pontos de vista, esta atividade constitui como mais saudável para o corpo, do que hábitos como o alcoolismo, ou o tabagismo, que são práticas muito frequentes neste tipo de população. No caso desse grupo, a religião auxilia muitas vezes em situações de sofrimento que necessitam de escape.

A igreja é nas quartas-feiras, são de 20 e 19h, de 19h até as 21h. Só da igreja pro trabalho... A gente não sai não, porque pra evitar, né? do jeito que tá o tempo a gente vê outros bairro que sai daqui pra ali e já acontece problema, então é melhor ficar em casa (...) (Sr. J.A.).

O lazer aqui se dá bom... pra igreja, só isso aí. É difícil demais, não gosto bem de televisão não, na obra tem e a gente não assiste (Sr. R. F. S.).

Dalgalarrondo (2006) destaca que os sujeitos envolvidos em algum tipo de atividade religiosa, como por exemplo, frequência a cultos, orações e leitura de textos religiosos, e que se consideram “pessoas religiosas”, demonstram maior bem-estar psicológico e menores prevalências de depressão, uso, abuso ou dependência de drogas, ideação e comportamentos suicidas.

Visualizando uma outra perspectiva da influência da religião sobre este público, para Prandi (2008) e alguns pesquisadores como Camargo (1971), Pierucci; Prandi (1996) percebem que a religião ou o fenômeno da religiosidade interfere na visão de mundo dos indivíduos, muda hábitos, indica valores, ou seja, caracteriza-se como fonte de orientação de

conduta. (CAMARGO, 1971; PIERUCCI, 1996; PRANDI, 2008 apud SILVA; ZANELO, 2010).

Segundo Heller, a relação moderna do homem com a transcendência, com Deus, é também uma manifestação de *homesickness* (saudade): se pode exultar Deus porque ele está morto e se pode “experienciar” a morte de Deus como a liberação de uma autoridade de outro mundo como se fosse a liberdade. Ainda, se fica ansioso, na medida em que se deseja voltar ao abraço da proteção de Deus. A saudade ou a doença da casa *homesickness* se relaciona com a falta, seja entre os homens ou entre estes e Deus. É como se um vazio se instalasse: a vida se torna vazia.

Pensamentos ainda provenientes da década de 90, já revelavam que a ideia de que a religião nos mostra regras e atividades com o intuito de evitar doenças e até mesmo a morte, afeta o modo como os indivíduos enfrentarão as adversidades da vida, uma vez que, para a maioria da população brasileira, as dimensões espirituais e religiosas caracterizam-se como fatores que ajudam na estruturação da experiência humana, nas crenças, nos valores, nos comportamentos e até mesmo nos padrões de adoecimento. (NETO, 1997 apud SILVA; ZANELO, 2010).

Dessa forma, sabendo que o grupo pesquisado vivencia o trabalho precário, sem vínculo, e sem condições dignas ao trabalhador, a religião como forma de moldar a conduta do ser humano nem sempre favorece o questionamento de situações que podem ser prejudiciais a estas pessoas. Devido ao pensamento conservador típico das religiões protestante e católica, o fato de os “patrões” também serem integrantes das práticas religiosas vigentes na maioria do grupo, ameniza os conflitos das relações entre o contratante e o contratado, ao mesmo tempo em que diminui as chances da regularização do trabalho por parte destes, caracterizado pela forma de segregação encontrada nos espaços religiosos.

Depreende-se, assim, que a religião constitui uma atividade do tempo livre dos trabalhadores que são envolvidos nas práticas religiosas, e esta atividade, ao mesmo tempo que propicia amenização dos sofrimentos, realiza um conforto espiritual que está vinculado a saudade de casa e da terra a qual pertence, e traz benefícios a saúde física/mental destes, porém, termina por moldar certos hábitos conforme a doutrina que é seguida, podendo interferir na necessidade de pensamento crítico para a melhoria das condições de trabalho.

Estes fatos, ao passo em que levam o indivíduo a amenizar as questões negativas da migração e da nova moradia poderão levar a um consequente desemprego no futuro se existe a incapacidade de lutar pela garantia dos direitos básicos trabalhistas, já que não há significantes possibilidades de crescimento na profissão; pela não existência das garantias de

permanência no trabalho; e que o término da força de trabalho é um fato ameaçador desse tipo de serviço e inevitável ao corpo e à vida humana.

5 TERAPIA OCUPACIONAL – RECOMENDAÇÕES E POSSIBILIDADES

“Todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer a espécie humana”.

Edgar Morin

Devido à necessidade de expandir conhecimentos em Terapia Ocupacional, bem como realizar a pesquisa tornando-a um meio de contribuir, não apenas cientificamente, mas também socialmente, o presente capítulo do trabalho tratará desta, como profissão interessada sobre o estudo da população que integrou esta pesquisa.

Da mesma forma, discutir-se-ão as possibilidades e perspectivas futuras que apenas puderam ser elaboradas a partir da obtenção dos resultados desse trabalho; elas serão aqui descritas e entendidas como recomendações e alternativas para o público-alvo, a partir do olhar do terapeuta ocupacional e do que é atribuição deste.

5.1 OPORTUNIDADES DE ORGANIZAÇÃO E RETOMADA DO SIGNIFICADO DO COTIDIANO.

A profissão de Terapia Ocupacional utiliza o termo ocupação para captar a dimensão e o significado da – atividade do cotidiano. A terapia ocupacional possui, em suas bases de pensamentos e em seu fundamento, a ideia de que envolver-se em ocupações, está diretamente ligado à estruturação do cotidiano do indivíduo, o que influi positivamente ou negativamente na vida desse sujeito, e na sua saúde.

Os profissionais de terapia ocupacional acreditam que as ocupações são multidimensionais e complexas. O envolvimento na ocupação como foco da intervenção da terapia ocupacional envolve ambos os aspectos do desempenho: os subjetivos (emocionais e psicológicos) e os objetivos (fisicamente observáveis). Os profissionais de terapia ocupacional entendem o envolvimento a partir dessa perspectiva dual e holística e recorrem a todos os aspectos de desempenho quando fornecem intervenções. (CARLETO *et al.*, 2010).

As contribuições no âmbito da terapia ocupacional nos resultados desse trabalho, fizeram entender o quanto a vivência no alojamento devido à necessidade de trabalho, traz mudanças no modo de vida e cotidiano desses trabalhadores, sendo necessária a reorganização

dessa rotina com atividades que imprimam sentido, e que não sejam realizadas apenas em função do trabalho.

Os profissionais de terapia ocupacional reconhecem que a saúde é apoiada e mantida quando os clientes são capazes de se envolver em ocupações e atividades que permitem participação desejada ou necessária em casa, na escola, no local de trabalho e na vida comunitária. Desse modo, profissionais de terapia ocupacional se preocupam não somente com ocupações, mas também com a complexidade de fatores que empoderam e tornam possível ao cliente o envolvimento e participação em ocupações positivas que promovem a saúde. (WILCOCK; TOWNSEND, 2008 apud CARLETO *et al.*, 2010).

Com base nisso, foram elencadas algumas ações que são de domínio da terapia ocupacional, as quais poderiam iniciar o processo de mudança nos modos de vida deficitário em vários aspectos, desses operários. A realização de atividades que promovam maior participação social, e que permitam aos trabalhadores a expressão dos seus contextos e peculiaridades, descentralizaria a rotina envolta pelo trabalho, e caminha para a desconstrução de fatores que podem ser indicadores de doenças mentais e psicossomáticas, possibilitando a ressignificação da vida dessas pessoas.

5.2 O CAMINHAR PARA O INÍCIO DA FORMULAÇÃO DE FUTURAS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO E CONTRIBUIÇÃO.

A partir da participação do Laboratório de Saúde, Trabalho e Ergonomia (LASTE) da UFPB neste estudo, foi possível iniciar-se a criação do núcleo de pesquisa sobre ergologia e psicodinâmica do trabalho, temas pelos quais perpassam a atual pesquisa. Como o tema ainda não havia sido até então abordado nas pesquisas realizadas pelo LASTE, esta pesquisa foi fundamental para recrutar novos estudantes e profissionais que se interessam pelo assunto, de modo que se formou, então, o primeiro núcleo de estudos com este foco na Terapia Ocupacional na Paraíba.

As atividades do núcleo de estudo estão sendo organizadas, primeiramente, através da construção de um grupo de pessoas que compartilhem o interesse em estudar o tema, e que gostariam de dar continuidade ao trabalho com este público alvo, de forma a analisar outras empresas, e gerar dados que permitam obter um patamar mais aprofundado sobre esses indivíduos, podendo obter trabalhos comparativos e complementares possibilitando descobrir se a realidade encontrada neste trabalho é peculiar ao grupo estudado, ou se pode ser adicionada a outros grupos, obtendo um parâmetro municipal.

Atualmente, o núcleo do grupo é composto por quatro (4) acadêmicos de terapia ocupacional, uma docente orientadora, e o apoio do LASTE. Estão sendo organizadas ações que os estudantes podem colaborar no âmbito da realização de grupos de estudo, levantamento bibliográfico, localização das empresas de construção civil parceiras, orçamento dos materiais necessários, e possível elaboração de novos modelos para a pesquisa buscando aprimorá-la. Uma das primeiras discussões do grupo, foi a implantação de uma biblioteca itinerante no alojamento.

A partir do entendimento de que a terapia ocupacional é profissão capaz de promover algumas mudanças no cenário de vida desses migrantes como citado anteriormente, foram propostas algumas concepções, com o objetivo de solucionar ou evitar um processo ainda mais prejudicial, comparado ao que já está acontecendo com os trabalhadores estudados.

A proposta inicial originou-se devido à constatação do interesse desses profissionais pela leitura, tanto a leitura religiosa, quanto a leitura com o objetivo de estudo ou de distração. É importante explicitar, também, que dentre estes trabalhadores, apenas um (1) deles designou-se como analfabeto. Deste modo, recomenda-se como oportunidade de organização e ressignificação do cotidiano, uma Biblioteca Itinerante que objetive atender aos interesses do cliente, e aproveitar o interesse deles, na leitura. Dessa forma, alavancar-se-ia a abrangência de atividades que visam a “preencher o tempo”, através da realização de algo que promova o estímulo à leitura e, conseqüentemente, ao desenvolvimento intelectual e raciocínio crítico.

Silva *et al.* (2005), define a Biblioteca Itinerante como uma pequena biblioteca cujo acervo é organizado em caixas-estantes, utilizando como meio locomotor um veículo e nele organizando o acervo. Sua função é a de disponibilizar informações estimulando e mostrando a importância da prática da leitura nas comunidades distantes e/ou que não tem bibliotecas em sua forma física, em local específico.

A informação “é um mecanismo de geração, comunicação, recepção e transformação da informação”. (MARTELETO; RIBEIRO, 1989 apud Silva, 2005). A leitura surge como meio de despertar e envolver os sujeitos na busca da informação e de fontes de acordo com o interesse pessoal e/ou coletivo, caracterizando-se como prática conscientizadora do papel social do indivíduo.

Leitura é atribuição de sentidos que vem a facilitar o processo crítico do aprendizado, ampliando conhecimentos e gerando o saber. Para Aquino (2000, p. 40), a leitura “é uma prática social que não se resume à educação institucionalizada, mas centra-se na relação sujeito-conhecimento-mundo [...]”.

Por meio da promoção ao acesso a uma Biblioteca móvel ou itinerante, os trabalhadores deste estudo, além de ter maior acesso à informação, possibilitando crescimento e desenvolvimento da satisfação intelectual através da percepção do interesse desses em atividades desse tipo, ao mesmo tempo se estaria propondo uma atividade que não se relaciona diretamente ao trabalho, e permite uma conversa e discussão com os colegas que é uma prática comum, sobre outros assuntos, que não a atividade laboral.

Além desta contribuição, os integrantes desse núcleo de estudo do LASTE estarão não apenas realizando pesquisa de caráter investigativo, mas intervindo no campo de acordo com os resultados encontrados, de forma a contribuir com mudanças dentro desses cenários. Essa participação conta com a futura elaboração de oficinas e atividades em grupo, com enfoque na promoção da saúde desses trabalhadores, e prevenção de agravos, através de atividades significativas que permitam refletir sobre o trabalho, as condições de vida, até mesmo que possa minimizar o sofrimento com temas que têm relação com a saudade de casa, ou a escassez no lazer durante o tempo alojado.

6 CONCLUSÃO

As migrações de trabalhadores causadas pela procura de trabalho na construção civil – mecanismo recorrente de baixos salários e precarização dos vínculos trabalhistas – atingiram níveis elevados que foram constatados durante a realização desta pesquisa, embora cada vez menos visíveis e mais mascarados com as promessas futuras de contratação e formalização do vínculo que mantém o trabalhador subordinado às grandes e pequenas empresas do ramo.

A securitização generalizada opera a mistificação do capital, que atinge sua forma mais alienada e fetichista: toda a complexidade das relações sociais que constitui a trama capitalista e produz o crescimento efetivo da riqueza material fica plasmada num objeto que se relaciona consigo mesmo e que carrega consigo o milagre da valorização. A lógica especulativa alarga o circuito imobiliário do lado da produção e do consumo para, no momento da crise, devolver os ativos aos seus verdadeiros dono. (FIX, 2011).

A migração, ao passo em que corresponde à existência da oportunidade de emprego para estes indivíduos que consideram sua situação de trabalho anterior, pouco remunerada e como não sendo suficiente para a sobrevivência de seus dependentes, trazem consequências na vida e no cotidiano desses trabalhadores influenciando negativamente sobre estes, como explicitados pelos próprios nas entrevistas, e em sua saúde.

Foi constatado, a partir da pesquisa, baseada no método da análise de conteúdo temática, que alguns temas ou categorias que foram obtidas *a posteriori* e fundamentais para entender este grupo específico, se constituem como os pontos negativos no processo migratório, na moradia em alojamentos cedidos pela empresa, e no trabalho sem vínculo.

Dessa forma, estas categorias temáticas representaram os aspectos ligados à: precarização do trabalho na construção civil e, em especial, na situação de trabalho dos indivíduos pertencentes ao grupo entrevistado; dificuldade de estabelecimento de uma identidade no local para o qual o trabalhador migra, ficando este exterior à sua cultura e sem desenvolver nenhum sentimento de pertencimento àquele local; a insatisfação com o trabalho, apesar de ser mascarada pela necessidade de se estar empregado e receber a remuneração junto a ideia da ausência do direito de reclamar.

As categorias finais foram relacionadas à saudade diária da rotina de casa, do ambiente familiar, dos parentes, e da comunidade em que vivem dada pelas lembranças dos trabalhadores a todo momento; a existência de um cotidiano voltado exclusivamente ao trabalho e às atividades que o complementam, sem espaço para ações que imprimam significado ou escolha pessoal desses trabalhadores; a inexistência de uma oportunidade de

crescimento social ou intelectual devido à sobrecarga diária com atividades braçais e de trabalho; e, ainda, a influência da religião na constituição desse grupo, e nas informações geradas pelos entrevistados.

As informações encontradas nas bibliografias pesquisadas sobre as patologias e vícios mais frequentes inerentes aos trabalhadores da construção civil, diferiram do resultado dessa pesquisa no que concerne à identificação de doenças psicossomáticas, alcoolismo, e tabagismo nesta população.

Alguns autores tratam estes problemas como típicos dessa profissão, porém, na presente pesquisa, ainda que tenham sido encontrados altos riscos de se adquirir doenças psicossomáticas provenientes do estresse no trabalho e angústia, não foram encontrados trabalhadores adeptos ao uso de álcool ou de tabaco. Esta hipótese, mesmo que não possa ser afirmada com certeza, foi obtida através do conhecimento sobre o cotidiano desses indivíduos e, conseqüentemente, das atividades que diferem do trabalho, realizadas por eles, não encontrando quaisquer indícios dessas práticas.

Devido à dimensão do canteiro de obras onde foi realizada a coleta de dados, a amostragem de dezessete (17) trabalhadores pode ser tida como a constituição de um grupo peculiar, migrantes das mesmas cidades, e com interesses e cultura similares, podendo assim, não nos dar um resultado considerado como geral.

Chegamos neste estudo, a resultados conclusivos sobre um grupo de trabalhadores da construção civil de forma isolada como pesquisa investigativa, que foi o início de futuras pesquisas maiores com o objetivo de expansão das entrevistas com grupos variados em outras empresas confirmando se a resultante desse trabalho é específica, ou se poderemos ampliá-la como realidade do município de João Pessoa.

Pela observação dos aspectos analisados, concluiu-se que algumas recomendações e intervenções da terapia ocupacional junto à população migrante do interior da Paraíba, trabalhadores da construção civil na grande João Pessoa, seriam necessárias para a promoção de uma melhor qualidade de vida no trabalho, do início da conscientização desses indivíduos quanto ao processo de trabalho precário e alienado, e uma possibilidade de transformação na realidade do cotidiano na obra e no alojamento, tornando-os mais dinâmicos possibilitando a diminuição do sofrimento psíquico que é inevitável na migração principalmente quando esta ocorre por necessidade de capital, como constatado.

Através da compreensão sobre a psicodinâmica do trabalho (PDT) e articulando-a com a saúde mental, foi possível entender a importância da relação dos entrevistados com o

trabalho, que foram tidas como prejudiciais e patológicas aos indivíduos, entendendo então que essas relações constroem a subjetividade e identidade do sujeito como um todo.

Percebendo que a PDT indaga como seria possível que o trabalhador lide com todos os problemas relacionados ao trabalho sem que adquira psicopatologias, esta pesquisa explicitou as estratégias de defesa utilizadas por estes trabalhadores da construção civil, e finalizou com algumas recomendações de caráter interventivo, como tentativa de fomento às defesas aos problemas do ambiente e atividade laboral, visando a contribuir cientificamente e socialmente para o grupo.

Ainda seguindo a metodologia da PDT, pretendeu-se, ao levantar os resultados e deficiências encontradas no processo de trabalho, realizar ações coletivas, voltadas à reorganização do trabalho e que busque adquirir a construção da identidade no trabalho.

Ainda é incipiente a gama de pesquisas que objetivam obter resultados sobre a constituição do novo modelo de cotidiano dos trabalhadores da construção civil que realizam a migração pendular, bem como a influência de uma possível desestruturação desse cotidiano na saúde psíquica e no processo de trabalho dessas pessoas.

Diante dos resultados obtidos neste estudo, da importância do trabalho na vida do ser humano e da necessidade de prevenção para que o trabalhador não seja debilitado precocemente, vê-se realmente a necessidade da continuidade dessa pesquisa com diversas amostras no município, e do aumento de interesse da terapia ocupacional por esta população e modalidade de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. A Corrosão do Trabalho e a Precarização Estrutural. In: LOURENÇO, E. A. S.; NAVARRO, V. L. (Orgs.). *O Averso do Trabalho III: Saúde do trabalhador e questões contemporâneas*. São Paulo: Outras Expressões, 2013. p. 21-27.
- AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. O. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 479-500, 2007.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. *Leitura e produção: desvelando e (re) construindo textos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000. 124 p.
- ASSIS, M. D.; FRANKEN, I.; MENESES, A. C. B. S.; OLIVEIRA, T. M. Adaptação à universidade no processo de migração e sofrimentos psíquicos. In: *Encontro de Extensão*, 2013, João Pessoa.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004. 280 p.
- BARROS, P. C. R.; MENDES, A. M. B. *Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil*. Psico-USF, Distrito Federal, v. 8, n. 1, p. 63-70, 2003.
- BONGIANINO, C. F. *Malas de sonhos e saudade: família e mobilidade entre cabo-verdianos na Itália*. MÉTIS: história & cultura, Caxias do Sul, v. 11, n. 22, p. 257-280, 2012.
- BORGES, H.; MARTINS, A. Migração e Sofrimento Psíquico do Trabalhador da Construção Civil: uma Leitura Psicanalítica. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 129-146, 2004.
- BRASIL. NR 24. Condições sanitárias e de conforto nos locais de trabalho. Disponível em: http://www.mte.gov.br/legislacao/normas_regulamentadoras/nr_24.asp. Acesso: em 20 jul. 2014.
- BRASIL. POCHMANN, M; FERREIRA, F.; THEODORO, M. L. et al. Comunicados do IPEA: Migração Interna no Brasil, 2010. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/100817_comunicadoipea61.pdf. Acesso em 17 de jul. 2014.
- BRITO, F. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. *Estudos Avançados*. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 57, n. 20, p. 221-236, 2006.
- CABRAL, L. C.; TRINDADE, F. R.; CASTELO BRANCO, F. M. F.; BALDOINO, L. S.; SILVA, M. L. R.; LAGO, E. C. A percepção dos pacientes hemodialíticos frente à fístula arteriovenosa. *R. Interd.*, Piauí, v. 6, n. 2, p. 15-25, 2013.
- CANHA, J. I. E. *Adaptação, saudades de casa e sintomatologia depressiva nos estudantes deslocados*. 2009. 40 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Universidade de Lisboa - Faculdade de psicologia e de ciências da educação, Lisboa. 2009.

CARLETO, D. G. S.; SOUZA, A. C. A.; SILVA, M.; CRUZ, D. M. C.; ANDRADE, V. S. Estrutura da prática da terapia ocupacional: domínio e processo – 2.^a edição. *Rev. Triang.: Ens. Pesq. Ext.*, Uberaba – MG, v.3. n.2, p. 57-147, 2010.

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social, uma crônica do salário*. 5^a ed.. São Paulo: Vozes, 1998. 611 p.

CHUEIRI, V. K; CÂMARA, H. F. Direitos humanos em movimento: migração, refúgio, saúde e hospitalidade. *Direito, Estado e Sociedade*, São Paulo, n. 36, p. 158-177, 2010.
COREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, v. 15, n. 4, 2006.

CREMASCO, L.; CONSTANTINIDIS, T. C.; SILVA, V. A. A farda que é um fardo: o estresse profissional na visão de militares do corpo de bombeiros. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 16, n. 2, p. 83-90, 2008.

D'AMICO, F. *O Programa Minha Casa, Minha Vida e a Caixa Econômica Federal*. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento. Caixa Econômica Federal, 2011.

DALGALARRONDO, P. Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde mental e religião. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 177-178, 2006.

DEJOURS, C. P. A. *Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*, 5.ed, São Paulo: Cortez editora, 1992.

DUARTE, R. *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

DURAN, E. C. M.; COCCO, M. I. M. Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de enfermagem do pronto-socorro de um hospital universitário. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.12, n.1, 2004.

ESCULCAS, C.; MOTA, J. Atividade física e práticas de lazer em adolescentes. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v.5, n.1, p. 69-76, 2005.

FACUNDES, V. *O discurso e a prática no Centro de Atenção Psicossocial: a construção do cuidado em Saúde Mental*. 2010. 183 f. Tese (Doutorado em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento) – Universidade Federal de Pernambuco - Programa de Pós- Graduação em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento do Centro de Ciências da Saúde. Recife. 2010.

FERRISS, A. L. - Religion and the quality of life. *Journal of Happiness Studies*, v.3, n.3, p. 199-215, 2002.

FIX, M. A. B. *Financeirização e transformação recentes no circuito imobiliário no Brasil*. 2011. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. 2011.

GONÇALVES, A. J. Migrações Internas: evoluções e desafios. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 43, n. 15, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2000: características gerais da população. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 abr. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2000: cidades. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/233A1>. Acesso em: 02 jun. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2014: cidades. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/233A1>. Acesso em: 03 jun. 2014

JARDIM, T. A.; LANCMAN, S. Aspectos subjetivos do morar e trabalhar na mesma comunidade: a realidade vivenciada pelo agente comunitário de saúde. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, Botucatu, v. 13, n. 28, p. 123-35, 2009.

LANCMAN, S. et al. O impacto da organização. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 15, n. 2, p. 82-89, 2004.

LANCMAN, S.; GHIRARDI, M. I. G. Pensando novas práticas em terapia ocupacional, saúde e trabalho. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 44-50, 2002.

LANCMAN, S.; UCHIDA, S. Trabalho e subjetividade: o olhar da Psicodinâmica do Trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 6, p. 79-90, 2003.

LAW, M., POLATAJKO, H., BAPTISTE, W., & TOWNSEND, E. Core concepts of occupational therapy. In E. Townsend (Ed.), *Enabling occupation: An occupational therapy perspective*. Ottawa, ON: Canadian Association of Occupational Therapists, 1997. p. 29-56.

LIMA, M. A. D. S.; ALMEIDA, M. C. P.; LIMA, C. C. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. *R. gaúcha Enferm.*, Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 130-142, 1999.

LOCKE, E. The Nature and Consequences of Job Satisfaction, en M. Dunnett (Ed.). *Handbook of Industrial and Organizational Psychology*. Chicago: Rand McNally, 1976. pp. 1297-1349.

MACHADO, A. G.; ANJOS, V. D. Análise do índice de capacidade para o trabalho em funcionários da gerência de assistência nutricional da fundação santa casa de misericórdia do estado do Pará. *Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade da Amazônia para*, Belém, 2009.

MARTINEZ, M. C.; LATORRE, M. R. D. O.; FISCHER, F. M. Validade e confiabilidade da versão brasileira do Índice de Capacidade para o Trabalho. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, 2009.

MARTINS, M. C. F.; SANTOS, G. E. Adaptação e validação de construto da Escala de Satisfação no Trabalho. *Psico-USF*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 195-205, 2006

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 80 p.

PASCHOAL, T. TAMAYO, A. Validação da Escala de Estresse no Trabalho. *Estudos de Psicologia*, Campinas, n. 9, v. 1, p. 45-52, 2004.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 305-322, 2005.

SCHWARTZ, Y. Conceituando o Trabalho, o visível, e o invisível. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 19-45, 2011.

SILVA, C. A. F. A segregação residencial sob a ótica das escolas de Chicago e Neoclássica. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 13 n. 1, p. 29-44, 1993.

SILVA, D. H.; SILVA, A. K. H. BIBLIOTECA ITINERANTE “LIVRO EM RODA”: a leitura como um exercício da cidadania rumo à Sociedade Aprendente. *Biblionline*, v. 1, n. 2, p. 1-10, 2005.

SILVA, M. S.; ZANELLO, V. M. Religiosidade e loucura: a influência da religião na forma como o “doente mental” enfrenta a doença. *PSICOLOGIA IESB*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 37-47, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 176 p.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005.

TURATO, E. R. Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas 2 ed. Petropolis: Vozes, 2003. 685p.

VALE, A. L. F. Imigração de Nordestinos para Roraima. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 57, n. 20, p. 255-261, 2006.

VASCONCELOS, C. C. O.; NUNES, D. M. P.; SILVA, M. S. Percepção do preconceito entre os migrantes nordestinos no estado de São Paulo. *Saúde Coletiva em Debate*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 54-69, 2011.

WERNIMONT, P. A Systems View of Job Satisfaction. *Journal of Applied Psychology*, Washington, v. 56, p. 173-176, 1972.

ZAMBRONI-DE-SOUZA, P. C. Trabalhando com saúde: trabalho e transtornos mentais graves. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 175-183, jan./abr. 2006.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada

1. Como foi o processo da sua saída de casa para vivenciar a moradia neste alojamento?
2. Existe alguma diferença na sua relação familiar antes e depois do início da sua moradia neste alojamento?
3. Na sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de morar neste alojamento?
4. De que forma se dá o lazer e sua relação com os outros moradores do alojamento diariamente?
5. Descreva seu dia-a-dia morando neste alojamento, desde a hora que acorda até a hora em que você vai dormir.

APÊNDICE B – Questionários Sociodemográfico adaptado através do Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT)

1 Qual o seu sexo (gênero)?

Feminino: _____

Masculino: _____

2 Qual a sua idade?

_____ anos

3 Qual o seu estado civil?

Não possuo companheiro(a)/cônjuge: _____

Possuo companheiro(a)/cônjuge: _____

4 Você é praticante de alguma religião?

Não: _____

Sim: _____ Qual? _____

5 Qual seu peso atual em quilos?

_____ kg

6 Qual a sua altura?

_____ m

7 Qual é a escolaridade máxima que você chegou a concluir?

Não tenho escolaridade: _____

Ensino fundamental (1 a 8 série): _____

Ensino médio (1 até 3 ano) : _____

Ensino Técnico: _____

Curso Superior: _____

Pós-Graduação: _____

8 Quantas pessoas moram em sua casa, contando com você?

Número de pessoas: _____

9 Quantos cômodos sua moradia possui? (conte todos os cômodos)

Número de cômodos: _____

10 Você possui filhos?

Não: _____

Sim: _____ Quantos? _____

11 Qual é aproximadamente a sua renda familiar no mês? (considerando toda a renda de sua casa em reais)

R\$: _____

12 Quanto tempo faz que exerce essa profissão?

_____ anos e _____ meses

Quantas horas por semana você trabalha no seu Emprego Atual? _____

14 Você exerce outra profissão atualmente?

15 Como você se considera com relação a sua satisfação no trabalho?

Muito insatisfeito: _____

Insatisfeito: _____

Neutro: _____

Satisfeito: _____

Muito Satisfeito: _____

16 Qual o tipo de vínculo empregatício que você possui no seu trabalho?**17 Como você utiliza o tempo em que não está trabalhando (caso necessário, marque mais de uma alternativa).**

Realizo Tarefas Domésticas: _____

Trabalho em outro local: _____

Leio jornais, revistas, livros: _____

Assisto televisão: _____

Estudo: _____

Realizo Alguma Atividade Física: _____

Outros: _____

Qual? _____

18 Considerando todas as suas atividades, quantas horas você trabalha por semana (considere todas as suas atividades, inclusive domésticas)?

_____ Horas por Semana

19 Quanto tempo você passa alojado para realização deste trabalho?

APÊNDICE C – Grelha de Análise

Questão Norteadora	Transcrição	Núcleos de Sentido	Trecho / UR	Códigos	Sub-categorias	Categorias temáticas
				Confronto I	Confronto II	Confronto Final
Como foi o processo da sua saída de casa para vivenciar a moradia neste alojamento?						
Existe alguma diferença na sua relação familiar antes e depois do início da sua moradia neste alojamento?						
Na sua opinião, quais as vantagens e desvantagens de morar neste alojamento?						
De que forma se dá o lazer e sua relação com os outros moradores do alojamento diariamente?						

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LABORATÓRIO DE SAÚDE, TRABALHO E ERGONOMIA (LAST)

O grupo de pesquisa Ergonomia, Saúde e Trabalho no Contexto Interdisciplinar do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, vem através desse apresentar o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Resolução no 196/96 – Conselho Nacional de Saúde.

Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: _____, que tem como objetivos: _____. Este é um estudo baseado em uma abordagem _____, utilizando como método _____.

A pesquisa terá duração de _____, com o término previsto para _____.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome não será apresentado em nenhum momento da pesquisa. Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de um índice de satisfação. O índice será guardado em uma pasta protocolada por cinco (05) anos e destruída após esse período.

Sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada a sua participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de terapia ocupacional. Exemplo: (Ergonomia, *Ergodesign*, Saúde do Trabalhador, Pesquisa em Terapia Ocupacional, dentre outras aéreas do conhecimento).

Sr(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o e-mail do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Bárbara Iansã de Lima Barroso
Orientadora da Pesquisa – UFPB barbarabarroso@yahoo.com.br

Nome do Orientando Graduando
Pesquisador Graduando – UFPB e-mail

Grupo de Pesquisa em Ergonomia, Saúde e Trabalho no Contexto Interdisciplinar (83) 3216-7996

João Pessoa, ____ de _____ de 2012.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

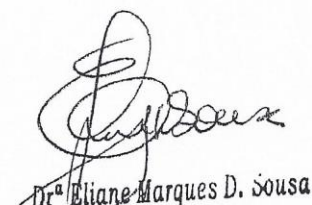


UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 12ª Reunião realizada no dia 10/12/2013, o Projeto de pesquisa intitulado: **“A NOVA MORADIA DO TRABALHADOR URBANO DA CONSTRUÇÃO CIVIL”**, da pesquisadora Bárbara Iansã de Lima Barroso. Prot. Nº 0318/13. CAAE: 17163613.0.0000.5188.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à apresentação do resumo do estudo proposto à apreciação do Comitê.



Drª Eliane Marques D. Sousa
Coordenadora CEP/CCS/UFPB
Mat. SIAPE: 0332618